



MÓDULO DE:

METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA

AUTORIA:

Dr. JAIME ROY DOXSEY

Módulo de: METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA

Autoria: Dr. Jaime Roy Doxsey

Primeira edição: 2003

1ª Revisão: 2005

2ª Revisão: 2006

3ª Revisão: 2007

4ª Revisão: 2009

Segunda edição: 2011

CITAÇÃO DE MARCAS NOTÓRIAS

Várias Marcas Registradas São Citadas No Conteúdo Deste Módulo. Mais Do Que Simplesmente Listar Esses Nomes E Informar Quem Possui Seus Direitos De Exploração Ou Ainda Imprimir Logotipos, O Autor Declara Estar Utilizando Tais Nomes Apenas Para Fins Editoriais Acadêmicos.

Declara ainda, que sua utilização tem como objetivo, exclusivamente na aplicação didática, beneficiando e divulgando a marca do detentor, sem a intenção de infringir as regras básicas de autenticidade de sua utilização e direitos autorais.

E Por Fim, Declara Estar Utilizando Parte De Alguns Circuitos Eletrônicos, Os Quais Foram Analisados Em Pesquisas De Laboratório E De Literaturas Já Editadas, Que Se Encontram Expostas Ao Comércio Livre Editorial.

Apresentação

Este módulo explora temas relacionados à metodologia científica, introduzindo alguns procedimentos básicos de pesquisa em geral. Também apresenta, passos necessários para a elaboração de um projeto de pesquisa bem como, uma introdução às normas acadêmicas em vigor, para uma produção científica. É importante que você pesquise outras fontes, na Internet ou em livros e textos adicionais, para suprir suas necessidades de aprendizagem sobre metodologia de pesquisa científica na sua área de conhecimento. O módulo apresenta fontes adicionais e sugere leituras em várias unidades.

O bjetivo

Introduzir a metodologia da pesquisa enquanto processo de aprendizagem referente à produção de conhecimento e a comunicação científica de resultados.

Ementa

Pressupostos da pesquisa. Fichamentos. Utilização de instrumentais. Elaboração de relatórios. Estrutura e organização de relatório. Regras oficiais acadêmicas. Trabalho científico. Monografia.

Sobre o Autor

Dr. Jaime Roy Doxsey

Ph.D. in Inter-American Studies: Processos sociais de desenvolvimento - University of Miami;
Mestre em Educação - UFES - ES; graduado em Sociólogo - Pfeiffer University Masters in
Inter-American Studies - University of Miami.

Masters in Inter-American Studies - University of Miami

Professor de Metodologia de Pesquisa - Universidade Federal do Espírito Santo

Consultor Acadêmico - ESAB/BOU

SUMÁRIO

UNIDADE 1	8
Introdução à Unidade 1	9
UNIDADE 2	12
A pesquisa científica	12
UNIDADE 3	15
Os métodos	15
UNIDADE 4	18
Métodos, técnicas e metodologia	18
UNIDADE 5	24
Autonomia do pesquisador	24
UNIDADE 6	29
Classificação dos trabalhos científicos	29
UNIDADE 7	32
Por que e pra que pesquisar?	32
UNIDADE 8	34
Elaboração da pesquisa científica	34
UNIDADE 9	42
Definindo o objetivo da pesquisa	42
UNIDADE 10	44
O objetivo determina o caráter da pesquisa	44
UNIDADE 11	48
Justificando a importância da pesquisa	48
UNIDADE 12	51
Organizando um quadro teórico inicial	51
UNIDADE 13	55

Elaborando resumos e fichamentos	55
UNIDADE 14	57
UNIDADE 15	64
Fazendo a sua escolha	64
UNIDADE 16	65
Delimitando a pesquisa	65
UNIDADE 17	69
Cronograma de execução da pesquisa	69
UNIDADE 18	71
A busca pela orientação.....	71
UNIDADE 19	73
A execução da coleta e da análise de dados	73
UNIDADE 20	76
Um exemplo de análise temática	76
UNIDADE 21	84
Um guia com um mínimo de pontos para um projeto de pesquisa	84
UNIDADE 22	88
Critérios mínimos para a produção científica nos cursos da ESAB	88
UNIDADE 23	93
Redigindo o trabalho científico.....	93
UNIDADE 24	100
Dialogando com outros autores: o uso da citação	100
UNIDADE 25	103
Que tipo de material consultar?	103
UNIDADE 26	107
Linguagem a ser utilizada	107
UNIDADE 27	111
A integridade acadêmica na produção científica	111

UNIDADE 28	116
Responsabilidades e direitos dos professores-tutores e dos alunos on-line	116
UNIDADE 29	118
Desenvolvimento do compromisso da ética online nas atividades da ESAB	118
UNIDADE 30	121
Conclusão	121
GLOSSÁRIO	123
BIBLIOGRAFIA	124

UNIDADE 1

Objetivos: Facilitar o inicio dos estudos on-line na ESAB e do módulo Metodologia da Pesquisa Científica.

Caros alunos,

Antes de iniciar os estudos deste módulo é fundamental que você leia e entenda nosso recado abaixo:

Muitas vezes o (a) aprendiz se sente “perdido (a)” iniciando os seus estudos a distância. É importante conhecer o ambiente “CAMPUS ON-LINE” da ESAB para dar procedimento a leitura das unidades e completar as atividades sugeridas. Os tutores são responsáveis por apoiar você no seu processo de aprendizagem. No entanto, é essencial: (1) Acessar o link “Regulamentações”, que fica no Campus On-line, e ler as Informações Acadêmicas disponíveis no “Manual do Aluno” e nas Resoluções ESAB, (2) Assistir o Vídeo Tour de Campus On-line e (3) Explorar os links e ferramentas no seu Ambiente Sala de Aula.

Informações Acadêmicas

Além das informações e orientações disponibilizadas no site da ESAB, através do Suporte Acadêmico o aluno pode esclarecer as dúvidas não respondidas. Nota-se que há o link “Manual de TCC”, que orienta sobre a Produção da Monografia. Não será necessário definir o seu tema monográfico ainda no início do curso. A vantagem principal de estudar on-line é que cada aprendiz pode estabelecer o seu próprio ritmo de aprendizagem de acordo com as suas necessidades e tempo disponível para leitura e pesquisa.

Solucionando Problemas

Problemas com prazos, provas, acesso ao material para download ou dificuldades técnicas podem ser resolvidos através do Suporte Acadêmico. Os tutores não têm acesso aos dados

acadêmicos dos alunos e não resolvem pendências como: liberação de provas, módulos ou informações financeiras. Muitos aprendizes acompanham as dúvidas e dificuldades dos outros ajudando com palpites e sugestões. A comunidade da ESAB, tutores, alunos e equipe técnica, têm interesse em minimizar os problemas e buscar soluções rápidas.

Obrigado.

Introdução à Unidade 1

Este módulo explora temas relacionados à metodologia científica, introduzindo alguns procedimentos básicos de pesquisa em geral. Também apresenta os passos necessários para a elaboração de um projeto de pesquisa bem como introduz as normas acadêmicas em vigor para uma produção científica. É importante que você pesquise outras fontes, na Internet ou em livros e textos adicionais, para suprir suas necessidades de aprendizagem sobre metodologia de pesquisa científica na sua área de conhecimento. O módulo apresenta fontes adicionais e sugere leituras suplementares em algumas unidades.

Ementa do módulo

Os pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa científica, bem como a utilização de instrumentos, inerentes ao processo das regras oficiais acadêmicas para elaboração do trabalho científico.

Objetivos do módulo

Introduzir a metodologia da pesquisa enquanto **processo de aprendizagem** referente à produção de conhecimento e a comunicação científica de resultados.

O estudo da metodologia científica

Apesar da maioria dos cursos de graduação oferecer aos estudantes disciplina e/ou atividades ligadas à pesquisa científica como Metodologia, Procedimento da pesquisa, Filosofia da Ciência ou matérias semelhantes, para alguns alunos, um bom tempo se passou

sem que os mesmos tivessem oportunidades de utilizar os conteúdos dessas matérias. Portanto, em um curso de pós-graduação o estudo da metodologia de pesquisa torna-se um dos requisitos indispensável, sendo ainda recomendado pelo **MEC**, uma vez que busca reforçar os conceitos científicos da pesquisa e dos trabalhos acadêmicos, e ultrapassa a barreira da simples memorização de conteúdos e forma de aplicação de métodos, para ser uma aquisição de conhecimento pelo aprendiz.

O estudo da metodologia da pesquisa científica também pode ser algo novo para os que se formam em uma ciência tecnológica ou aplicada. Nesse sentido, é difícil conciliar as necessidades de alunos oriundos de realidades tão ecléticas através de um módulo único. Alguns podem achar o módulo “fácil demais” e outros serão confrontados com as incertezas geradas por conceitos não estudados e novas dúvidas teóricas apresentadas pelas perplexidades que a pesquisa provoca (CHIZZOTTI, 2006). É preciso ainda considerar a insegurança do pesquisador, natural a todos que aceitam o desafio de ir além da mera reprodução de conhecimento.

Com o propósito de motivar o aluno aceitar esse desafio em conjunto sugere-se, portanto, uma verdadeira ruptura com o estilo passivo de aprendizagem. Para tanto, propõe-se além da leitura deste módulo, que você consulta a Internet, livros didáticos sobre pesquisa e a bibliografia sugerida aqui. Antes de buscar respostas com o tutor que estará sempre disponível para suas dúvidas acadêmicas, lembre-se da possibilidade de construir sua aprendizagem de forma ativa, superando lacunas da graduação e retomando o caminho da autonomia e da auto-dependência. O bom pesquisador é alguém que levanta seus próprios questionamentos, procura informação para formular e organizar seus pensamentos e chega a conclusões próprias sobre estes questionamentos. O módulo pretende incentivar você nesse caminho.

O módulo não exige que defina um projeto de monografia ou plano de pesquisa. Você receberá orientação da ESAB para a organização de um plano de monografia durante o último módulo de seu curso. Mas, pode começar desde agora registrando suas idéias, e sobretudo, lendo material em sua área de interesse.

Antes de continuar na próxima unidade, responda à seguinte atividade que é uma espécie de auto-avaliação de como você se posiciona hoje quanto futuro pesquisador e aprendiz de metodologia da pesquisa científica.



Para sua reflexão

Ao (re) estudar metodologia científica, métodos e técnicas de pesquisa, muitas vezes estamos pensando em como podemos aplicar esses conhecimentos em termos práticos. Já que alguns serão pesquisadores ou autores de uma produção científica pela primeira vez. Responda as perguntas abaixo, pensando nesse módulo de estudo e guarde suas respostas para uma reflexão final. Obs.: as respostas a essas reflexões formam parte de sua aprendizagem e são individuais, não precisando ser comunicadas à **ESAB** ou ao tutor.

1. Nesse momento não estou me sentindo muito preparado para executar uma pesquisa científica.

[] Concordo muito [] Concordo [] Nem concordo ou discordo [] Discordo [] Discordo muito

2. Na graduação não estudei metodologia de pesquisa científica.

[] Concordo muito [] Concordo [] Nem concordo ou discordo [] Discordo [] Discordo muito

3. O conteúdo de metodologia de pesquisa me interessa muito.

[] Concordo muito [] Concordo [] Nem concordo ou discordo [] Discordo [] Discordo muito

4. Me sinto preparado(a) para ser um(a) aprendiz autônomo(a) num curso a distância.

[] Concordo muito [] Concordo [] Nem concordo ou discordo [] Discordo [] Discordo muito

5. Aprender fazer pesquisa é muito importante para o meu desenvolvimento profissional.

[] Concordo muito [] Concordo [] Nem concordo ou discordo [] Discordo [] Discordo muito



UNIDADE 2

Objetivos: Analisar os conceitos de pesquisa e do método científico

A pesquisa científica



Quando falamos em pesquisa científica, vários elementos vêm à nossa mente: pensamos nos laboratórios bem equipados, nos experimentos com ratos, na manipulação de plantas, nos microscópios, nos engenheiros criando as parafernálias tecnológicas, etc.

Ou seja, a idéia que o termo pesquisa científica traduz, pra nós está muito ligada às áreas de saúde e de tecnologia. No entanto, é possível também estudar os fenômenos sociais e as aplicações das novas tecnologias, tarefas que ficam a cargo das Ciências Humanas, da Educação, e das Ciências da Informática, quando têm no homem seu objeto de estudo.

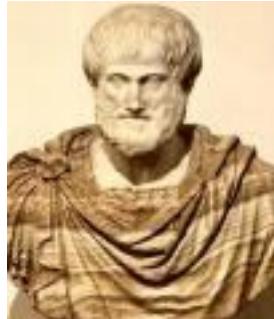
Assim, a pesquisa científica abarca as ciências naturais, exatas e sociais. E como em todas essas áreas, homens e mulheres estigados por enigmas que precisam ser decifrar. E embrenham-se na busca de respostas.

Essa busca acontece desde que o mundo é mundo, pois o ser humano traz consigo a curiosidade e a necessidade de transformar o ambiente em que vive. Por isso mesmo, se olharmos para trás, veremos que nossos antepassados sempre estiveram em busca de respostas para seus problemas, tentando entender como os fenômenos aconteciam, movimentando o fazer científico.

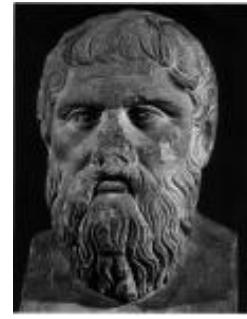
A ciência, portanto, busca respostas, é

a investigação metódica, organizada, da realidade, para descobrir a essência dos seres e dos fenômenos e as leis que os regem com o fim de aproveitar as

propriedades das coisas e dos processos naturais em benefício do homem (PINTO apud RICHARDSON, 1999, p. 21).



Aristóteles



Platão

As respostas, por sua vez resultam em novos conhecimentos, pois respondem a muitas de nossas muitas indagações. Para chegar a essa etapa, no entanto, o cientista precisa passar por outras duas: refletir sobre o fenômeno estudado e saber como ele acontece, para, finalmente, explicar como ele acontece (RICHARDSON, 1999, p. 20).

Como fazer ciência: o método científico

Ciência não é algo que se faça assim, de qualquer maneira. Quando um cientista realiza uma pesquisa, deve seguir métodos. Método é a junção dos termos gregos *meta* (além de, após de) e *ódos* (caminho), sendo definido como “*o caminho ou maneira para chegar a determinado fim ou objetivo*” (RICHARDSON, 1999, p. 22).

Na Grécia antiga, pensadores como Platão e Aristóteles já tentavam organizar um método para a produção do conhecimento. No século XVI, Galileu defendia a elaboração e a testagem de hipóteses, etapas que fazem parte do método usado pela ciência moderna, que se consolidou com Francis Bacon e René Descartes. Para Descartes, o conhecimento verdadeiro deveria ser produzido com rigores, por meio de demonstração, seguindo os princípios da Matemática.

O método científico clássico, segundo Richardson (1999), sempre é caracterizado pela observação da realidade que leva à:

-  **Formulação de um problema;**
-  **Buscar informações sobre esse problema;**
-  **Levantar hipóteses;**
-  **Predizer o resultado do teste das hipóteses;**
-  **Proceder a experimentação;**
-  **Aceitar as hipóteses;**
-  **Ou rejeitar as hipóteses;**

Em resumo, podemos pensar no método científico como uma síntese tríplice (PHILLIPS, 1971). Essa síntese envolve a integração da experiência por meio de um processo simbólico de idéias, conceitos e teorias. A síntese integra “*novos conceitos e idéias com outros conceitos e idéias, de idéias com experiência, e de experiência com experiência*” (p. 23). Cada disciplina tem seu próprio arranjo de símbolos e proposições para a melhor forma de investigar os fenômenos.

UNIDADE 3

Objetivos: Definir alguns métodos científicos; incentivar mais leitura sobre os métodos.

Os métodos

Há vários métodos científicos: indutivo, dedutivo, experimental, fenomenológico, entre outros. De acordo com Gil (1999), os métodos proporcionam as bases lógicas da investigação científica. Os diversos métodos são vinculados às correntes filosóficas “que se propõem a explicar como se processa o conhecimento da realidade” (p. 27).

Neste módulo introdutório, não é possível uma revisão de todas as correntes filosóficas (os métodos), mas espera oferecer uma visão que facilita a sua compreensão. Em cursos de pós-graduação mais extensos, como os de mestrado, as correntes são normalmente apresentadas em disciplinas específicas sobre metodologia científica, que abordam a filosofia e a epistemologia da ciência¹).

A seguir, encontram-se algumas definições básicas das principais correntes encontrará em textos didáticos sobre métodos:

Indutivo: “... um processo pelo qual, partindo de dados ou observações constatados, podemos chegar a proposições gerais... Fundamentam-se em premissas (fatos observados), que servem de base para um raciocínio. O método indutivo parte de premissas dos fatos observados para chegar a uma conclusão que contenha informações sobre fatos ou situações não observadas” RICHARDSON, 1999, p. 35-36).

Dedutivo: Popper criticou o método indutivo afirmando que só o método dedutivo poderia testar uma teoria. Argumentou que a inferência universal, a partir de “singulares”, por mais

¹ Ver o GLOSSÁRIO se precisar refrescar a definição de epistemologia.

frequente que fosse o número de observações, não comprovaria sua refutabilidade empírica.² Para Laville e Dione, a dedução é a “*forma de raciocínio que parte de uma proposição geral para verificar seu valor por meio de dados particulares. Em pesquisa, essa proposição é, em geral, uma hipótese, e fala-se então em raciocínio hipotético-dedutivo*” (1997, p. 332).

Experimental: É importante dizer que, tanto o método indutivo quanto o dedutivo segue esse método - “um procedimento central de pesquisa, com dados criados, pelo qual o pesquisador atua sobre um ou vários fatores ou variáveis da situação em estudo com o objetivo de observar e, eventualmente, medir as mudanças que daí resultam” (*Ibid*, p. 334). (Ver CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998 para um detalhamento do método experimental com excelente bibliografia.)

Fenomenológico: Esse método enfoca o fenômeno, entendido em suas diferentes formas de manifestação. O fenômeno é examinado em sua totalidade, de maneira direta, sem a intervenção de conceitos prévios que o definam e, sem basear-se em um quadro teórico prévio que enquadre as explicações sobre o visto. O pesquisador fenomenológico dirige-se para o fenômeno da experiência; para o dado; e procurando vê-lo da forma em que é percebido. O sujeito e o objeto não são separados, pois são ontologicamente unidos, uma vez que o ser é sempre ser-no-mundo.

Entendemos que quem pretende desenvolver um projeto de pesquisa e uma monografia terá que buscar muitos subsídios para essa tarefa. Essa preparação envolve leitura tanto sobre o tema a ser investigado, quanto sobre o método de pesquisa a ser utilizado. Para uma leitura mais aprofundada em métodos de pesquisa, consulte a bibliografia que se encontra junto a esse módulo e alguns dos livros e/ou sites sugeridos no quadro a seguir.

Se as definições das correntes acima não são claras para você, explora maiores informações sobre cada método na Internet, usando como palavras chaves “método indutivo”, “método dedutivo”, “fenomenologia”, “método experimental”, etc.

² Popper, K. **A lógica da investigação científica**. São Paulo: Abril, 1980. (Os Pensadores). p. 5.



Estudo Complementar

Fontes para leitura aprofundada sobre métodos de pesquisa na sua área de conhecimento estão disponíveis na INTERNET. É só digitar na linha da Ferramenta de Busca “métodos de pesquisa em _____”. Para quem usa pouco a INTERNET a Ferramenta de Busca é

... um instrumento de pesquisa na web através de palavras-chave ou categorias, orientadas por texto. É um website que lista páginas da web que equivalem aos caracteres escolhidos. Esses sites são armazenados em um sistema computacional, como a 'World Wide Web', ou um computador pessoal. As ferramentas de busca são muito úteis porque uma pessoa, agora, não precisa lembrar o endereço de um site para procurá-lo. As pessoas precisam dessas ferramentas pela mesma razão que elas precisam de um catálogo em uma biblioteca. As ferramentas de busca, porém, ajudam a encontrar informações mais específicas. (Disponível em

<http://www.iberbrasconsultoria.com/seo-ferramentas-de-busca.html.>)

Um exemplo de resultado com as palavras “métodos de pesquisa em administração”:

<http://www.eadfea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C00-art01.pdf>

[AVISO: Os sites, artigos e informações disponíveis on-line mudam constantemente. O exemplo do artigo acima pode ser retirado pelo autor ou programador. ESAB não se responsabiliza pelas mudanças ocorridas em sites recomendadas na data da revisão do módulo. Agradecemos a comunicação de qualquer alteração nas informações registradas no módulo.]



UNIDADE 4

Objetivos: Diferenciar conceitos: método, técnicas e metodologia.

Métodos, técnicas e metodologia

Cada um desses termos tem procedimentos metodológicos próprios. Método é o mesmo que metodologia? Não! Enquanto, método é o caminho percorrido pelo pesquisador, como pretende abordar o fenômeno a ser estudado, com o intuito de alcançar os objetivos do estudo, metodologia é o conjunto dos procedimentos e técnicas utilizados pelo método adotado. Metodologia então “engloba” o método, os procedimentos e as técnicas.

Chauí define método como “uma investigação que segue um modo ou uma maneira planejada e determinada para conhecer alguma coisa; procedimento racional para o conhecimento seguindo um percurso fixo.”³

Laville e Dionne (1999) apresentam três definições importantes para compreender melhor a terminologia.

Metodologia: Estudo dos princípios e dos métodos de pesquisa (p. 335);

Método: Conjunto dos princípios e dos procedimentos aplicados pela mente para construir, de modo ordenado e seguro, saberes válidos (ibid);

Técnica de pesquisa: Procedimento empregado para recolher dados de pesquisa ou para analisá-los. Tem técnicas de coleta e técnicas de análise de informações (ibid).

Portanto, a entrevista, o questionário, a análise de conteúdo, a história de vida e a história oral são procedimentos técnicos e não métodos. Como essa diferenciação gera confusão,

³ CHAUÍ, M. **Introdução à história da filosofia. Dos pré-socráticos a Aristóteles.** São Paulo: Brasileiro, 1994, p. 354.

mesmo para autores de textos sobre pesquisa, é interessante notar a opinião de Pedro Demo (1981, p. 7):

Metodologia significa, etimologicamente, o estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para fazer a ciência. É uma disciplina instrumental, a serviço da pesquisa.

Esse cientista entende que pesquisa é:

a construção de conhecimento original, de acordo com certas exigências científicas. Não precisa ser também empírica, embora normalmente se suponha esta como a mais comum e importante....

Metodologia será, então, definida como o estudo dos instrumentos de montagem de uma teoria, o estudo dos arcabouços teóricos... Atribuímos à Metodologia um interesse tendencialmente voltado à teoria, ou à parte teórica da produção científica, deixando a questão empírica para outra disciplina, muitas vezes chamada de Métodos e Técnicas, dedicada às técnicas de coleta (dados) e mensuração (variáveis) (DEMO, 1981, p. 7-8).

Como o pesquisador define os métodos que vai utilizar no estudo que se propõe a realizar? Essa escolha deve depender, principalmente, do fenômeno que será investigado e não do método preferido ou mais conhecido do pesquisador ou do seu orientador.

O método científico deve ser seguido em estudos em qualquer âmbito, mas os procedimentos por ele utilizados devem ser compatíveis com o objeto de estudo. Seria complicado medir o comportamento humano da mesma maneira que se mede o comportamento da matéria em estudos físicos. Isso porque os fenômenos sociais envolvem pessoas. E, os seres humanos estão em constante mudança, pois são dotadas de

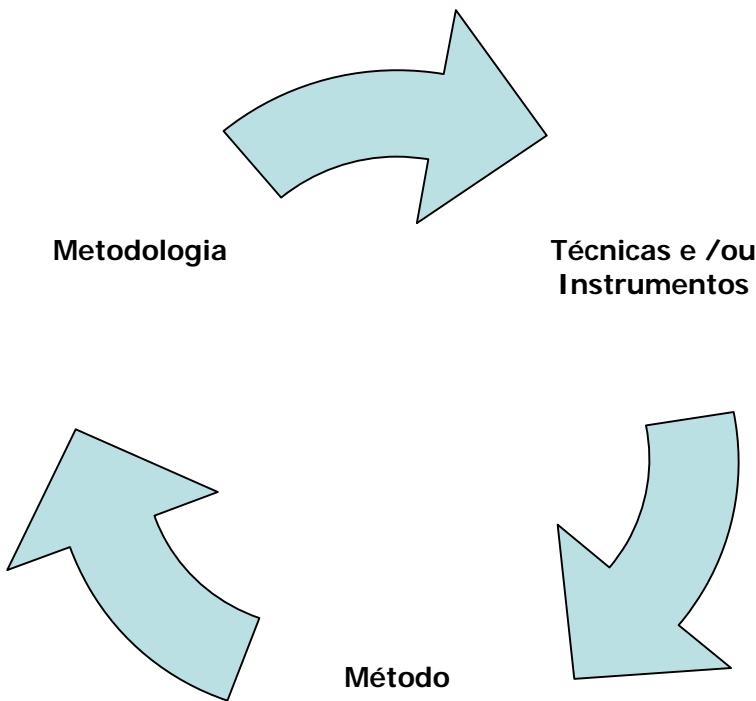
consciência e de subjetividade. Assim, nem sempre é possível submeter o comportamento humano a situações de experiência e controle, por exemplo.

No entanto, apesar da diferença nada básica entre pessoas e plantas ou pessoas e trovões, até poucas décadas atrás, as Ciências Sociais usavam métodos com os mesmos procedimentos do método científico concebido por Descartes, ou seja, seguindo os rigores da Matemática.

Quando perceberam a inadequação, os cientistas enxergaram a necessidade de estudar os fenômenos sociais com métodos cujos procedimentos fossem mais adequados a esse tipo de análise.

No caso das Ciências Humanas, as principais abordagens constituem-se em “*quadros de referência, subordinando outras teorias e sugerindo normas de procedimentos científicos*”, chegando, segundo Gil (1999), a serem designadas como métodos (p. 36). Os principais referenciais citados por Gil são funcionalismo, estruturalismo, materialismo histórico e etnometodologia.

Podemos, também, rotular esses referenciais como perspectivas ou abordagens. Ao mesmo tempo em que são importantes para diferenciar entre as posturas e correntes de pensamento, não é essencial construir os nossos projetos de pesquisa unicamente em função delas.



Metodologia

É importante ficar claro que a metodologia da pesquisa científica estuda os métodos e as técnicas de pesquisa. Muitos autores nos confundem atribuindo o significado da palavra **metodologia** a palavra **método**.

A metodologia é entendida como disciplina que se relaciona com a epistemologia ou a filosofia da ciência. Seu objetivo consiste em analisar as características dos vários métodos disponíveis, avaliar suas capacidades, potencialidades, limitações ou distorções e criticar os pressupostos ou as implicações de sua utilização. Em nível mais aplicado, a metodologia lida com a avaliação de técnicas de pesquisa e, com a geração ou a experimentação de novos métodos que remetem aos modos efetivos de captar e processar informações e resolver diversas categorias de problemas técnicos e práticas da investigação. Além de ser uma disciplina que estuda os métodos, a metodologia é também considerada como modo de

conduzir a pesquisa. Neste sentido, a metodologia pode ser vista como conhecimento geral e habilidade que são necessários ao pesquisador para se orientar no processo de investigação, tomar decisões oportunas, selecionar conceitos, hipóteses, técnicas e dados adequados. O estudo da metodologia auxilia o pesquisador na aquisição desta capacidade. Associado à prática da pesquisa, o estudo da metodologia exerce uma importante função de ordem pedagógica, isto é, a formação do estado de espírito e dos hábitos correspondentes ao ideal da pesquisa científica (THIOLLENT, 1988, p. 25).

Método

Um método pode ser definido como uma série de regras para tentar resolver um problema (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 3). O método é uma abordagem, repleto de pressupostos sobre o mundo e o fenômeno a ser estudado. O método científico nem sempre é definido da mesma forma pelos cientistas diferentes, independente de sua área de conhecimento ou suas ideologias. Estudar métodos de pesquisa demanda mais tempo do que muitos aprendizes gostariam de desperdiçar.

Técnicas e instrumentos

As pesquisas, quantitativas e qualitativas, modernas usam uma grande variedade de procedimentos e instrumentos de coleta de dados. Há para cada procedimento vantagens e desvantagens. Todas as técnicas podem ser complementadas por outras. *As pesquisas qualitativas são caracteristicamente multimetodológicas...* (ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F., 1998, 163). Isso não quer dizer que um estudo quantitativo não pode usar mais do que uma forma de coletar os seus dados nem que há diferenças substanciais nos procedimentos utilizados.

As técnicas mais utilizadas são: observações, entrevista, análise documental, questionário, etc. Alguns procedimentos de coleta de dados exigem um domínio de abordagens complexas, como por exemplo, o “estudo de caso”. Vários autores classificam o estudo de

caso como método de pesquisa, pois o mesmo requer pressupostos teóricos e metodológicos.



Dica

Você pode ler mais sobre metodologia e método na INTERNET. Sabemos que os conceitos nem sempre são utilizados da mesma forma por todos os autores. Lembra que a metodologia científica e a metodologia de uma pesquisa INCLUI, ABRANGE o método, as técnicas e os procedimentos de um estudo.



UNIDADE 5

Objetivos: Demonstrar a importância da autonomia do pesquisador no desenvolvimento de seus pensamentos e nas suas aprendizagens sobre pesquisa.

Autonomia do pesquisador



Algumas escolas de pensamento delimitaram estritamente os procedimentos científicos (especificação do problema, do método e das técnicas de coleta de dados). Hoje, há mais flexibilidade na organização da pesquisa científica. Em muitos cursos de pós-graduação, como é o caso dos cursos da **ESAB**, não é requisito estabelecer uma ‘linha’ única de pensamento na monografia ou uma ‘técnica’ única de coleta de dados.

Aprendizes na ESAB são estimulados pelos tutores orientadores a:

- ▼ Expressar a base de seu pensamento, seus pressupostos teóricos e filosóficos;
- ▼ Seguir métodos científicos válidos;
- ▼ Estabelecer um referencial teórico claro;
- ▼ Ser transparente em relação aos seus valores pessoais em toda a sua comunicação científica.

Para uma leitura mais avançada sobre métodos e metodologia científica, ver Lakatos e Marconi (1991); Severino (1996); Laville e Dionne (1999); Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998); Chizzotti (2006) Oliveira (2007) e Poupart, (2008).



Dica

Torna-se pesquisador quem começa a investigar suas próprias dúvidas. Estudar a distância é oportunidade de praticar autonomia, buscando respostas em fontes alternativas e com recursos disponíveis na INTERNET. Também nos módulos da **ESAB**, há um tutor para trocar ideias e levantar dúvidas. Incluímos aqui nesse módulo alguns exemplos de dúvidas de aprendizes já respondidas pelo professor tutor. Essas dúvidas também são fontes de informação para consulta. Sempre pode consultar as dúvidas respondidas para conhecer o que já foi perguntada e respondida.



A seguir, apresentamos como exemplos duas dúvidas de ex-aluno já respondidas em relação ao conteúdo da UNIDADE 4:

Aluno 01

Professor Jaime, A UNIDADE 4 do módulo apresenta os conceitos de métodos, metodologia e técnicas. Para mim, as definições não ficaram muito claras, uma vez que, muitas vezes vemos em artigos e monografias capítulos chamados "Materiais e métodos" ou "Metodologia empregada". Nesses casos, me parece que os capítulos discutem, na verdade, as técnicas utilizadas na pesquisa. Seriam esses termos utilizados de forma errada? Poderia dar exemplos do que seria um o método, uma metodologia e de técnicas utilizadas em uma pesquisa? Desde já agradeço a atenção.

F.

Prezado F.: Acho que eu entendo a sua confusão, que é freqüente quando consultamos a maioria dos livros sobre metodologia de pesquisa. Tentei escolher a melhor definição e coloquei aqui, porém, se for para outros textos, os autores não têm consenso sobre as mesmas definições. Sim, acho que na maioria das vezes o que o pesquisador quer dizer é "técnica usada", porque a metodologia envolve muito mais. O método é a abordagem, o referencial de como será abordado o fenômeno em análise.

Segundo Laville e Dionne, método é o "conjunto dos princípios e dos procedimentos aplicados..." Isso sugere uma associação entre os princípios que guiam como um fenômeno pode deve ser estudado e, como devem ser coletadas e organizadas as informações sobre este fenômeno. Os procedimentos (metodológicos) são as estratégias, instrumentos e meios a serem empregados.

Você pode fazer a sua própria escolha, próprio entendimento sobre esses conceitos estudando várias definições e escolhendo. Aqui, num breve módulo, infelizmente não é possível expandir a discussão. Você pediu exemplos e respondi com "teoria". Ainda sim espero que tenha entendido.

Olá Professor! Desejo saber exemplos práticos de métodos como INDUTIVO, EXPERIMENTAL, FENOMENOLÓGICO e DEDUTIVO. Pois não encontrei no material didático. J.

J:

Quando recebo uma dúvida assim parecida, aproveito sempre para sugerir um caminho para o aluno, e não uma resposta direta que aparentemente satisfaça a dúvida, mas raramente estimula a verdadeira aprendizagem, que já ela se encontra nas mãos do aprendiz e não na resposta do tutor / professor. Buscando no Google, descobri com as palavras chave - pesquisa + indutivo o seguinte: [<http://www.herbario.com.br/cie/universi/artigos/1018filo.htm>]:

"O legado do filósofo da ciência Karl Popper, que completaria cem anos hoje 18/10/2002. Shozo Motoyama Especial para a Folha. Para as pessoas que vivem no mundo conturbado e ambíguo de hoje, poderia parecer estranho o renome alcançado pelo filósofo Karl Raimund

Popper (1902-1994), sobretudo na segunda metade do século 20. Afinal, o que teria a oferecer um filósofo, ainda mais da ciência, para a solução de problemas atuais marcados pela parafernália de cunho informático e cibرنético, no aparente reinado capitalista do mercado? Já não existe mais aquela polarização ideológica que tão bem caracterizou o século passado e na qual Popper destacou-se como paladino do liberalismo. Sua veemência contra o fascismo e o comunismo, a sua defesa apaixonada de uma sociedade aberta, parecem, hoje, um anacronismo. E, no universo da ciência, onde a simulação tornou-se um recurso corriqueiro graças ao avanço computacional, fundindo e confundindo a realidade virtual com a real, os seus ataques contra o método indutivo já não têm o apelo de outrora. Para muitos, a pesquisa científica adquiriu um tom mecânico – digital, talvez fosse o termo mais adequado no ritmo de computadores.

Então, por que Popper? Porque, mais do que ninguém, ele tentou analisar com clareza e método - um mundo conturbado, cheio de guerras e contradições, como foi o século 20. E encontrou uma solução para os paradoxos da história, embora à sua maneira. Com otimismo, que é raro entre intelectuais, vislumbrou o progresso do conhecimento humano como um genuíno problema filosófico. Na base desse progresso do conhecimento, segundo ele, estaria a Ciência. Daí, privilegiar a questão da Ciência e do método científico, pondo-a no centro da sua filosofia. Uma vez delineadas as linhas-mestras do seu pensamento, lançou-se ao combate pela defesa dos seus ideais. Esse otimismo e essa confiança na inteligência contrastam singularmente com a atitude de vários filósofos do seu tempo, alguns deles muito famosos, que no seu niilismo descartaram a existência de problemas genuinamente filosóficos.

Popper é uma inspiração. Uma lógica para a pesquisa. Quando, no início da década de 1930, o ainda jovem Popper começou a freqüentar o famoso "Círculo de Viena", nem ele próprio poderia imaginar o papel central que desempenharia posteriormente no campo de Filosofia da Ciência... A única coisa que o distinguiu dos demais integrantes do círculo, constituído por filósofos como Moritz Schlick (1882-1936), Otto Neurath (1882-1945), Rudolph Carnap (1891-1970), Hans Reichenbach (1891-1953), Herbert Feigl (1902-1988) e outros afamados "positivistas lógicos" da época, era a sua rejeição da indução como lógica

da Ciência, em flagrante oposição aos seus companheiros. De fato, estes defendiam que o método científico era o indutivo. Em outras palavras, partindo-se de enunciados singulares, resultantes de descrições de observações ou experimentos, chega-se a (induz-se) enunciados universais-hipóteses ou teorias.

Mas, como argumentava Popper, não existe nenhuma garantia lógica capaz de assegurar a inferência dos enunciados universais a partir de enunciados singulares, por mais numerosos que fossem estes. Mesmo observando milhares e milhares de cisnes brancos, não se pode afirmar que todos os cisnes são brancos, pois, a despeito de serem raros, também existem cisnes negros. Essa questão sobre a validade e as condições de inferência indutiva é conhecida como "problema da indução.... "

Aí está um exemplo do que você mesmo pode fazer para explorar mais os conceitos metodológicos. Bom trabalho, Jaime.

CONSULTE AS DÚVIDAS ACADÊMICAS NA “ÁREA DE DISCUSSÃO” NO CAMPUS ONLINE PARA LER A RESPOSTA COMPLETA E SABER QUAIS AS DÚVIDAS LEVANTADAS POR APRENDIZES DESSE MÓDULO.

UNIDADE 6

Objetivos: Diferenciar entre os vários tipos de trabalho científico comuns na produção acadêmica brasileira.

Classificação dos trabalhos científicos



O produto da Ciência é o conhecimento, o mesmo se constrói pela realização de trabalhos científicos. Há vários tipos de trabalhos científicos ou de trabalhos de conclusão de curso (TCC) que são os requisitos específicos para cada qualificação acadêmica. Os mais comuns são os artigos, as monografias, as dissertações, teses ou resenhas críticas.

Cada uma dessas produções está associada a um nível educacional, com exceção do artigo científico, também chamado de “paper”, que pode ser produzido por estudantes de vários níveis de ensino ou por pesquisadores independentes, sem vínculos institucionais.

Ao nível da graduação no Brasil o TCC e a monografia são termos usados como sinônimos. TCC é a denominação mais freqüentemente dada aos trabalhos realizados por alunos que estão concluindo a graduação. Pode ser uma monografia ou não. A monografia também é elaborada como um pré-requisito para a obtenção do título em alguns cursos de pós-graduação “*lato sensu*” e de especialização. Já a dissertação e a tese são elaboradas por alunos de mestrado e doutorado, respectivamente.

A monografia é então um tipo de Trabalho de Conclusão de Curso. É uma produção científica comum em alguns cursos de graduação, dependendo da instituição e do colegiado do curso. Alguns cursos “*lato sensu*” ou de especialização exigem trabalhos escritos mais simples, tipo proposta de intervenção institucional, um produto específico ou apenas o esboço de um projeto de pesquisa.

A monografia focaliza um único assunto, uma discussão sucinta. A discussão é resultado de um referencial de conceitos e teorias e, muitas vezes, envolve a coleta de dados empíricos. A monografia pode ser um levantamento bibliográfico, um ensaio teórico, discursivo, sobre o seu tema. Pode, também, ser o resultado de uma pesquisa de campo com a coleta de dados primários, dependendo do tempo, dos recursos e da intenção do investigador.

O formato de apresentação dos trabalhos científicos é estabelecido pela **Norma NBR 14724**, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (**ABNT**), que apresenta a definição de cada um deles:

- 1. Monografia:** o conceito está ligado à origem etimológica do termo: *mónos* (um só) e *graphein* (escrever). Assim, significa que nela o pesquisador aborda um só assunto, ou seja, escreve a respeito de um assunto único. Por isso, a monografia relaciona-se mais à assimilação de conteúdos, servindo como um ponto de partida para a prática em pesquisa. A monografia nem sempre requer uma pesquisa de campo, o desenvolvimento e avaliação de um protótipo de sistema ou programa de computação.
- 2. Dissertação:** estudo no qual o pesquisador reúne, analisa e interpreta informações a respeito de um fenômeno, mostrando domínio de conhecimento a respeito do que já foi dito sobre ele.
- 3. Tese:** a principal característica deste tipo de trabalho científico é a originalidade na investigação. Por isso mesmo, constitui-se em real contribuição para o conhecimento da Ciência, com relação ao fenômeno estudado.

As vezes um curso requer um **artigo científico** como requisito de produção acadêmica. O artigo pode ser conceituado como

um estudo realizado de maneira resumida sobre uma questão que se fundamenta em alguma natureza científica. Devido à sua dimensão, assim como conteúdo, visa a representação de um resultado de estudos efetuados.... Formalmente pode ser

definido como um relatório escrito e publicado que descreve resultados originais de uma pesquisa. A finalidade primordial de um **artigo científico** seria trazer a públicos resultados de pesquisas realizadas ou estudos efetuados, sendo este o cunho exercido na quase totalidade dos cursos de graduação ou pós-graduação.⁴

O **artigo científico** desenvolve um discurso distinto de uma monografia convencional, devido à maior concisão e natureza das informações e dos dados tratados. A revisão da literatura e discussão teórica são mais resumidas. A monografia é mais detalhada, mas não é a quantidade de páginas que a difere do artigo. O artigo científico não deve ser qualificado como melhor ou mais significativo de uma monografia.

Em resumo, os mais diferentes tipos de produção científica servem funções diferentes e requerem formatos e esforços diferenciados. É importante reconhecer que toda a produção acadêmica visa aumentar o conhecimento.



Dica

Ao longo dos módulos, o aprendiz pode ir organizando suas idéias sobre possíveis temas de interesse para a monografia. (Veja em Informações Acadêmicas na primeira página da ESAB maiores detalhes sobre AA etapas da monografia e designação do tutor orientador.)

Torna-se pesquisador quem começa a investigar e registrar essas idéias. Torna-se cientista quem sistematiza sua investigação e comunica seus resultados no formato padronizado da Ciência.



⁴ Monografia – AC. Disponível em <http://www.monografiaac.com.br/artigocientifico.html>. Acesso em 16 nov 2010.

UNIDADE 7

Objetivos: Esclarecer o objetivo da produção científica na pós-graduação e na ESAB.

Por que e pra que pesquisar?



Se você está matriculado em um curso de pós-graduação é possível que já tenha se perguntado algumas vezes: por que tenho que desenvolver um trabalho científico ao final desse curso?

Um dos objetivos da educação é desenvolver nas pessoas o senso crítico, estimulando nelas o desejo da descoberta. Em outras palavras, é preciso formar profissionais que possam procurar respostas para os desafios que lhes são impostos cotidianamente. O trabalho científico é também uma mostra da aprendizagem adquirida pelo aluno e a produção coletiva do curso ou instituição é um indicador de sua qualidade.

Além disso, a pesquisa ou a produção científica tem sido um dos índices para medir o grau de desenvolvimento de um país. Infelizmente, o Brasil ocupa posição bem distante da ideal. O último relatório da Organização das Nações Unidas mostra Brasil no 43º lugar entre 72 países no Índice de desenvolvimento Tecnológico. O mesmo órgão apontava duas patentes por milhão de habitantes no Brasil, enquanto a Argentina tinha oito e a Coréia do Sul, 799. Isso faz com que o Brasil tenha que fazer altos investimentos no licenciamento de uso de invenções tecnológicas inventadas por outros países.

O desenvolvimento tecnológico e o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH – estão diretamente associados. Segundo Selz (2005):

Em países desenvolvidos, quando a tecnologia é altamente desenvolvida, o IDH é alto. Em países em desenvolvimento, o IDH é baixo, e o desenvolvimento tecnológico é baixo. Já em países subdesenvolvidos, o IDH não tem relação com o desenvolvimento tecnológico. A perspectiva para anos vindouros é de grande

crescimento tecnológico, mas sem o conhecimento científico, será geração da grande pobreza e miséria.⁵

O fato do Ministério da Educação (**MEC**) estabelecer que a disciplina Metodologia da Pesquisa Científica faça parte dos currículos dos cursos de graduação e de pós-graduação representa um incentivo aos aprendizes a se desenvolverem como profissionais da ciência. No caso dos cursos de pós-graduação da **ESAB**, o **MEC** determinou a sua inclusão como primeiro módulo de estudo para garantir uma atenção maior da natureza científica desse nível de estudo.

A preparação de um trabalho científico precisa ser visualizada como uma oportunidade de pôr em prática seu lado e potencial de pesquisador, podendo, assim, contribuir para a construção do saber científico, não apenas para obter uma nota e/ou alcançar um título.



Atividades

Atividades dissertativas

Considerando suas experiências, interesses, motivações e expectativas para uma carreira profissional, elabore um texto sintético sobre sua potencialidade para produzir uma monografia que contribuía para o saber científico na sua área de conhecimento. (limite de 300 palavras).

Bons Estudos!

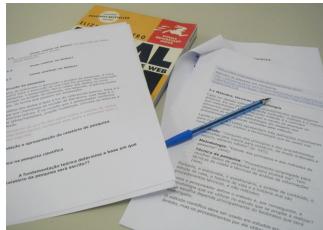


⁵ Seltz, R. Euroscience (Organização governamental para avanço da ciência na Europa) **Desenvolvimento tecnológico e pobreza**. Disponível em <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=7835>. Acesso em 16 nov 2010.

UNIDADE 8

Objetivos: Descrever as etapas do planejamento de um projeto de pesquisa e as etapas da monografia na ESAB.

Elaboração da pesquisa científica



A elaboração de um trabalho científico requer uma preparação por parte do pesquisador.

Estamos falando, portanto, do **planejamento da pesquisa**. Toda pesquisa precisa ser planejada. Esse planejamento é mostrado em um documento chamado projeto de pesquisa.

Planejamento da pesquisa: escrevendo o projeto



Em geral, na pós-graduação, antes de executar uma pesquisa, o pesquisador elabora um projeto ou plano de estudos, que é entregue ao orientador, para que, em conjunto, possam discutir a melhor forma de executar a pesquisa, fase em que os dados são coletados para, posteriormente, serem analisados.

No projeto, o pesquisador informa o que vai estudar; o que pretende alcançar com seu estudo, as razões que o levaram a querer desenvolvê-lo; o que já foi dito sobre o que ele pretende estudar (as referências e a bibliografia disponível) e de que maneira o estudo será desenvolvido.



Dica

O trabalho de conclusão de curso (TCC) constitui-se em um momento de potencialização e sistematização de habilidades e conhecimentos adquiridos, na forma de pesquisa acadêmico-científica. Trata-se de uma experiência fundamental uma vez que proporciona a oportunidade de resolver de forma rigorosa e criativa problemas teóricos e empíricos relativos à formação⁶.

Como trabalho que se submete aos padrões da produção científica, a Monografia deve respeitar seus parâmetros. Na **ESAB**, ela envolve três etapas:

1. Plano de Monografia
2. Produção da Monografia
3. Avaliação da Monografia

Estas três etapas conjugadas e sujeitas ao crivo da lógica de procedimento da Ciência asseguram à Monografia um caráter diferente dos trabalhos normalmente desenvolvidos pelos estudantes em suas respectivas disciplinas. A monografia é, portanto, um trabalho de síntese que articula o conhecimento global do aluno no interior de sua área de formação. Desta forma, a monografia deve ser concebida e executada como uma atividade científica.

Tomando como base o caráter científico, a Monografia na **ESAB** comprehende, em sua Primeira Etapa a elaboração de um Plano de Monografia. Como critérios básicos para esta fase, o Plano terá que atender aos seguintes requisitos: a escolha da linha de pesquisa e tema, a definição do problema, a identificação dos objetivos da pesquisa, a estrutura do referencial teórico e da bibliografia a ser utilizada e a breve descrição da metodologia.

A Segunda Etapa – Produção da Monografia – corresponde à fase de elaboração e envio da monografia finalizada para análise do tutor orientador. Para concluir a Monografia é imprescindível que o aluno aplique os conhecimentos científicos de sua área de conhecimento, bem como efetue as atividades dentro de parâmetros mínimos de científicidade. O aluno deve valer-se de métodos e técnicas universalmente aceitas pela comunidade científica que incluem pertinência, consistência, manipulação de variáveis e de hipóteses, mensuração de dados primários e/ou secundários de acordo com padrões de representatividade e generalização compatíveis com seu tema, seu problema/hipótese de trabalho e sua área de conhecimento ou de exercício

⁶ Assim, é que a ESAB define como etapa final de seus cursos *Lato Sensu* e *MBA* a apresentação da Monografia como elemento avaliador.

profissional. O trabalho deve obedecer às orientações desse Manual, bem como os padrões existentes para a produção científica.

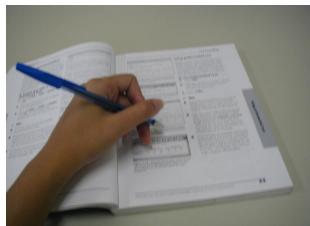
Finalmente, na Terceira Etapa, Avaliação da Monografia, como toda investigação que possui caráter científico, a Monografia deve ser submetida ao crivo da crítica da comunidade. De fato, para lograr sua aprovação final, terá que ser levada à apreciação de uma Banca Examinadora. A Banca Examinadora tem a função de avaliar a Monografia sob a ótica de diferentes perspectivas. Neste sentido, a banca deverá avaliar a consistência lógica da investigação, a coerência entre problema de investigação, hipótese e nível de demonstração ou de validade argumentativa na correlação entre pressupostos, postulados e corroboração empírica, observando as normas para a produção científica. Sujeito à crítica, na multiplicidade de perspectivas representadas pelos avaliadores, a Monografia estará cumprindo seu papel de atividade de iniciação científica.

Do ponto de vista do aluno, a defesa diante de uma Banca Examinadora significa a possibilidade de testar sua competência discursiva, de exercitar sua capacidade argumentativa e de defender sua perspectiva frente a outras diferentes ou concorrentes. Ao mesmo tempo, permitir-lhe-á esclarecer elementos de seu trabalho que possam ter ficado obscuros ou frágeis do ponto de vista de sua consistência ou pertinência científica. Neste sentido, a defesa da Monografia exercitará a capacidade lógico-dedutiva, de análise e de síntese do aluno, bem como sua fluência em resposta diante de argumentos distintos daqueles que desenvolveu. A necessidade de defesa diante de uma Banca justifica-se pela imposição da previsão legal.⁷



Vamos analisar as etapas de realização da pesquisa científica, então!

Definindo o problema de pesquisa



O primeiro passo é definir o que vai pesquisar. Isso significa encontrar o que chamamos problema de pesquisa. No caso da pesquisa científica, o problema não está ligado a coisas negativas, pelo contrário, se o pesquisador tem um problema para analisar, já esta

⁷ Resolução CNE/CES nº 1 de 2007.

com meio caminho andado.

Assim, todo pesquisador precisa ter um problema de pesquisa. E, é justamente o problema que o torna um pesquisador. Sem problema não há pesquisa. Problema está relacionado a dúvida. E se não temos dúvidas, pra que pesquisar?

Em geral, os pesquisadores iniciantes confundem alguns pontos ao definir o problema de pesquisa. Quando se pergunta a um deles sobre o que trata sua monografia, em geral, a resposta que se recebe está mais relacionada à área ou ao tema, não se constituindo, portanto, um problema. Pra clarear isso, vamos a alguns exemplos:

Uma aluna de pós-graduação “*lato sensu*” em Comunicação Empresarial diz que sua monografia será sobre a comunicação no setor de mármore e granito em determinado local. O que temos aqui é o assunto que ela vai tratar, não é o problema.

O problema de pesquisa é a pergunta a que o pesquisador busca responder durante a execução da pesquisa. E, é a partir do assunto ou tema que ele define essa pergunta. No exemplo que acabamos de ver, a pesquisadora pode ter algumas dúvidas, que podem ser problemas de pesquisa. Por exemplo:

Qual a percepção dos empresários do setor de mármore sobre o uso das ferramentas de comunicação e divulgação?

Quais as informações recebidas pela população local sobre o setor de mármore e de que forma são recebidas?

Qual a opinião da sociedade local sobre os impactos da extração de mármore sobre o meio ambiente e a zona rural?

Essas perguntas podem ser consideradas problemas de pesquisa. É porque busca respondê-las que a pesquisadora realiza uma pesquisa e, ao final, espera, de fato, encontrar a resposta. É em função do problema que o pesquisador define como vai executar cada uma das etapas da pesquisa. Mas, como definir o que se quer pesquisar?

Pelo exemplo dado, podemos observar que a definição de um problema de pesquisa parte do macro (fenômeno, assunto, tema) para o micro. Portanto, para chegar ao problema de pesquisa, é preciso analisar detalhadamente de forma esmiuçada.

Booth et al (2000, p. 57) mostram um esquema que pode ser útil na hora de definir o problema de pesquisa que você pretende responder em sua monografia.

1) Especifique seu tópico:

Estou estudando _____

2) Formule sua pergunta:

Porque quero descobrir. Quem? Como? Por quê? _____

3) Estabeleça a fundamentação lógica para a pergunta e o projeto:

Para entender como / por que / o que _____

É um esquema que você pode e deve exercitar, pois vai ajudá-lo a encontrar seu problema de pesquisa. Os autores sugerem que o pesquisador continue utilizando-o também durante a realização da pesquisa, para que tenha clareza do ponto em que se encontra, o que facilita que se mantenha no rumo que traçou para si.

Pensando bem, o esquema acima não representa novidade pra você, que, inconscientemente, já deve tê-lo usado várias vezes ao tentar resolver problemas no seu dia-a-dia.

Booth et al (2000) afirmam que os problemas do dia-a-dia podem suscitar problemas de pesquisa, porque nos fazem questionar algo que ainda não sabemos e que poderia solucioná-lo. Quando não sabemos algo, temos um problema de pesquisa, que precisa ser investigado, ajudando, dessa forma, a resolver os problemas do nosso cotidiano.

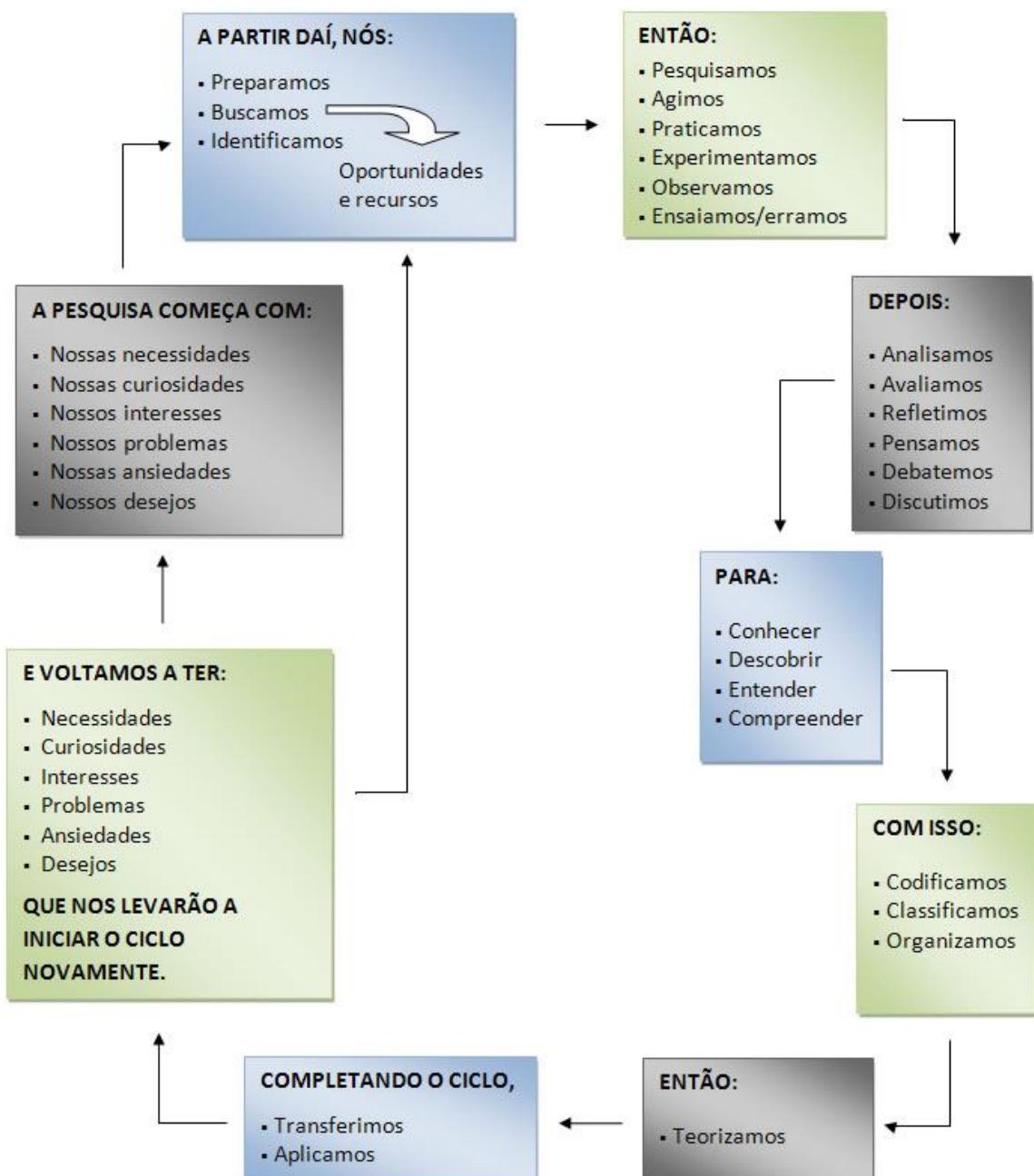
A pesquisa, portanto, faz parte da nossa vida, o tempo todo. Quando falamos de teoria e de conhecimento, estamos nos referindo a algo que não conhecemos e, por isso mesmo, estamos alienados em relação a esse fenômeno desconhecido.

Não pense que a pesquisa que você deverá desenvolver na sua monografia está num âmbito externo, bem distante de você. Na verdade, os procedimentos que executamos ao longo da pesquisa têm mais a ver conosco do que imaginamos. O esquema a seguir mostra isso.

É importante ressaltar que esse ciclo não ocorre da mesma maneira com todas as pessoas. Isso quer dizer que, para alguns, o desejo de pesquisar pode se iniciar, por exemplo, durante a reflexão sobre determinado assunto ou quando se está executando determinada ação. Para muitos alunos a necessidade é consequência de um pré-requisito de um curso: Escrever uma monografia ou artigo científico.

O que importa é que o pesquisador se reconheça nesse ciclo que, saiba em que posição se encontra. Outro ponto interessante de se destacar é que, pela nossa capacidade de discernimento, podemos retornar a alguma etapa, se percebermos que algo na execução da pesquisa não nos levará aonde pretendemos chegar.

Figura 01. Ciclo de aprendizagem VIVENCIAL¹.





Para sua reflexão

Utilizando o esquema de Booth, tente responder as três perguntas fazendo um pequeno ensaio sobre um possível temático de estudo. Esta reflexão não precisa ser enviada ao tutor. É para você “testar” seu primeiro momento de concepção de um projeto.

1. Especifique seu tópico:

Gostaria estudar _____.

2. Formule sua pergunta sobre um problema a ser estudado:

A pergunta deve comunicar o que especificamente você quer descobrir:

3. Estabeleça a fundamentação lógica para a pergunta e para o projeto:

Esta fundamentação lógica deve ser uma espécie de justificativa da pergunta. Para entender - O que? Como? Por quê?

AVALIA-SE. Qual o seu principal problema em escrever para você mesmo(a)? O que precisa fazer para sentir mais confiança e segurança na sua escrita?



UNIDADE 9

Objetivos: Explorar a importância dos objetivos na definição da pesquisa.

Definindo o objetivo da pesquisa



Uma vez definido o problema de pesquisa, você já sabe qual é o objetivo da sua pesquisa. Se o problema de pesquisa é “qual a percepção dos empresários do setor de rochas e granitos sobre a utilidade das ferramentas de comunicação na divulgação de suas empresas?”, o objetivo do pesquisador é “conhecer a percepção dos empresários do setor de rochas e granitos sobre a utilidade das ferramentas de comunicação na divulgação de suas empresas”.

Quase a mesma coisa, não é? Quase! A mudança principal é a palavra *conhecer*, um verbo. Enquanto o problema de pesquisa é apresentado em forma de pergunta, o objetivo é normalmente redigido em uma frase completa utilizando o verbo no infinitivo.

Exemplos:

1. Problema da pesquisa: Quais os efeitos da urbanização da orla da Poligonal 11 – Projeto Terra – Vitória, ES na percepção ambiental da população residente?

Objetivo geral da pesquisa: Examinar a percepção e atitudes da população residente em relação aos processos de urbanização do Projeto Terra, a recuperação e a preservação do manguezal e dos ecossistemas adjacentes à comunidade.

2. Problema de pesquisa: Qual a contribuição de software na administração de micro-empresas de confecção no pólo da Glória, ES?

Objetivo geral da pesquisa: Avaliar o impacto do uso de software na administração de micro-empresas de confecção no pólo da Glória, ES.

Para facilitar a execução de seu trabalho, o pesquisador define também objetivos específicos para a pesquisa. Os objetivos específicos dizem o que o pesquisador terá de fazer para alcançar o objetivo geral da pesquisa. Definem os vários pontos a serem abordados e se colocados em seqüência se tornam “sub-tarefas” na organização do estudo. Os verbos dos objetivos específicos também devem ser utilizados no infinitivo. (SALOMÃO, S.T. **Projeto de Pesquisa.**

Disponível

em

<http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:AUJ7umFtMJ:www.faad.icsa.ufpa.br/admead/documents>. Acesso em 17 nov 2010.)

Vejamos um exemplo de objetivos específicos

Objetivo geral: Identificar a percepção dos empresários do setor de rochas ornamentais capixaba sobre a importância do uso das ferramentas de comunicação na divulgação da imagem institucional

Objetivos específicos:

Levantar as ferramentas de comunicação já utilizadas pelo setor;

Analisa a influência do modelo de gestão utilizado nessas empresas no nível de valorização das ferramentas de comunicação.

Em outras palavras, para identificar a percepção dos empresários em relação ao uso das ferramentas de comunicação, o primeiro passo do pesquisador é identificar quais as ferramentas usadas atualmente pelas empresas do setor.

Em geral, as empresas que utilizam um modelo moderno de gestão reconhecem a importância da comunicação. Se o pesquisador tem informações sobre o modelo de gestão adotado pelas empresas do setor investigado, será possível fazer uma análise de como esse modelo influencia o nível de valorização das ferramentas de comunicação.

Veja que, quanto mais informações o pesquisador tem a respeito do assunto, mais fácil encontrará a resposta para o problema da pesquisa, por isso, a leitura é um hábito fundamental para aprofundar no temático do trabalho.

UNIDADE 10

Objetivos: Entender a importância do objetivo geral para explicitar o caráter da pesquisa.

O objetivo determina o caráter da pesquisa

O objetivo geral da pesquisa, como foi dito, esclarece o que se pretende alcançar com a investigação. Explicita, também, o caráter ou especificidade da pesquisa: exploratório, descritivo ou explicativo. Vejamos as características de cada uma delas.

Pesquisas exploratórias: buscam uma aproximação com o fenômeno, pelo levantamento de informações que poderão levar o pesquisador a conhecer mais a seu respeito.

Pesquisas descritivas: realizadas com o intuito de descrever as características do fenômeno.

Pesquisas explicativas: ao realizar um estudo dessa natureza, o pesquisador procura explicar causas e consequências da ocorrência do fenômeno.

O caráter da pesquisa influencia todo o seu desenvolvimento, a começar pela maneira como o pesquisador determina os objetivos de sua investigação.



Dica

Você já sabe que inicia-se escreve um objetivo com um verbo. Porém, que verbo usar? Richardson dá a seguinte orientação:

“Usualmente, em uma pesquisa exploratória o objetivo geral começa pelos verbos: conhecer, identificar, examinar, levantar e descobrir; uma pesquisa descritiva, inicia-se com os verbos caracterizar, descrever e traçar; e uma pesquisa explicativa, começa pelos verbos analisar, avaliar, verificar, explicar etc.” (1999, p. 63).



O pesquisador iniciante mais explora do que explica

Pesquisadores iniciantes, como é o caso dos estudantes de graduação e de pós-graduação geralmente realizam pesquisas de caráter exploratório. Isso não é uma afirmação negativa. Gil (1994) esclarece que a exploração do fenômeno tem como objetivos desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias. A pesquisa exploratória é tão importante quanto os outros tipos de estudo.

Esse tipo de pesquisa é realizado, especialmente, quando há poucas informações disponíveis sobre o tema a que se relaciona o objeto de estudo. Justamente pelo escasso conhecimento do assunto, o planejamento é flexível, de forma que os vários aspectos relativos ao fato possam ser considerados. A escassez de informações torna difícil a formulação de hipóteses, como requerem as pesquisas descritivas e explicativas.

Na verdade, é sobre as pesquisas científicas que descrevem e explicam os fenômenos que você mais ouve falar. Elas são executadas com muita frequência por pesquisadores da área de saúde. Eles realizam experimentos, acompanham pacientes por anos, medindo taxas para que, ao final do estudo, possam encontrar as respostas e relações que procuram.

Bons trabalhos científicos muitas vezes são trabalhos simples. Pesquisadores iniciantes não precisam confeccionar projetos complicados ou ficar imobilizados pela mistificação desnecessária da pesquisa. É importante ter foco no problema a ser estudado, traçar um plano executável com os recursos e tempo disponível e usar procedimentos adequados para a proposta.



Estudo Complementar

O Estudo Complementar indica fontes e recursos para aprofundar seus conhecimentos. Muitas informações sobre o planejamento e especificação dos objetivos de uma pesquisa estão disponíveis:

ALVES, G. Dicas de pesquisa sociológica. Disponível em <http://pesquisasociologica.blogspot.com/> Acesso em 17 nov 2010. Consultar o site.

GÜNTHER, H. (Org.) Planejamento de Pesquisa para as Ciências Sociais. Disponível em <http://www.unb.br/ip/lpa/pdf/02Sugestoes.pdf>. Acesso em 04 jul 2007. Ver MIDIA TECA para cópia em formato pdf.

PINHEIRO, I.A. Dicas para escrever um trabalho acadêmico. Disponível em http://www.inf.ufsc.br/~rcampiol/downloads/dicas_escrever_texto_cientifico.ppt. Acesso em 04 jul 2007. Ver MIDIA TECA para copia em formato Powerpoint.

SOSSAI, J.A. Determinação de objetivos educativos Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101974000400009&lng=en&nrm=. Acesso em 04 jul 2007. Ver MIDIA TECA para copia em formato pdf.

WAZLAWICK, R.S. Como fazer uma dissertação de mestrado em informática na educação: Uma análise reflexiva sobre a ironia do processo. Disponível em <http://zamorim.com/textos/tesedemestrado.html> Acesso em 04 jul 2007. Consultar o site.

“Zé Moleza”. Guia para a confecção de projetos de pesquisa. Disponível em http://www.zemoleza.com.br/como_fazer_projeto.asp Acesso em 04 jul 2007. Consultar o site de Zé Moleza para o esse guia e outras dicas para monografias.

[AVISO: Os sites, artigos e informações disponíveis on-line mudam constantemente. Os recursos recomendados acima podem ser retirados pelo autor ou programador. **ESAB** não se responsabiliza pelas mudanças ocorridas em sites recomendadas na data da revisão do módulo. Agradecemos a comunicação de qualquer alteração nas informações registradas no módulo.]





Atividades

Para dar continuidade aos seus estudos é fundamental que você complete a Atividade número 1, localizada no link “Atividades”.



UNIDADE 11

Objetivos: Reconhecer a importância da justificativa e embasamento teórico do trabalho científico.

Justificando a importância da pesquisa



Nenhum pesquisador acorda pela manhã e diz “Ah, vou pesquisar sobre tal problema!”, assim, sem mais nem menos. A pesquisa científica gira em torno de uma dúvida, em torno de questões que nos inquietam e que, por isso mesmo, gostaríamos de ter respostas para elas. Assim, se um pesquisador procura respostas para determinado problema, esse problema surge em decorrência de uma motivação, um interesse, um desejo pessoal. Pesquisamos apenas aquilo que consideramos importante para nós, para a humanidade ou para a nossa área de conhecimento.

Os pesquisadores que se dedicam a entender o fenômeno da evasão escolar, por exemplo, o fazem porque as respostas que pretendem encontrar poderão auxiliar na definição de programas que contribuam para manter o aluno na escola. O índice de desenvolvimento de um país se mede também pela escolaridade de sua população. Daí, a importância de se ter um maior número que esteja matriculado e frequentando a escola.

Ao escrever o projeto de sua monografia, você deverá explicitar os motivos pessoais que o levaram a trabalhar com o problema de pesquisa que definiu para si. Em seguida, você apresentará o problema de pesquisa, apontando a importância da realização de tal estudo, mas não apenas para você. O que realmente constrói uma justificativa são os argumentos que substanciam o esforço para compreender melhor os fenômenos e suas interações. Neste sentido, estamos contribuindo para a construção do saber e o avanço do conhecimento.

Fundamentação teórica e sua organização

Uma vez definida a problemática da pesquisa e os motivos que o levam a pesquisá-la, o pesquisador levanta informações a respeito de tal problema e como ele pode ser explicado. Procuramos as explicações já existentes e as tentativas de buscar um entendimento mais sistematizado sobre o problema, suas possíveis causas e seus efeitos nas pessoas, nas instituições e na sociedade.

Deve-se perguntar em que contexto o problema surgiu e como se encontra inserido, levantando o seu contexto, suas características sociais, culturais e ambientais. É importante perguntar-se, ainda, quais as ideias, os conceitos, construtos, hipóteses e teorias que contribuem para entender esse problema. Estamos falando sobre a fundamentação, quadro ou referencial teórico de uma pesquisa!

Na fundamentação teórica, o pesquisador dá informações sobre o que já foi produzido sobre o fenômeno que ele pretende estudar. Quando você apresenta ideias e teorias, é preciso deixar claro por que elas estão sendo citadas, no que contribuem e/ou de que forma se relacionam com o fenômeno que será investigado.

Dessa forma, é preciso identificar materiais existentes como livros, documentos, artigos, monografias, dissertações, teses. Portanto, a leitura e exploração de múltiplas fontes são hábitos que devem ser cultivados pelo pesquisador. Ao analisar o material consultado, o pesquisador pode, também, apresentar questões alternativas que podem ser estudadas dentro desse referencial.

Richardson (1999) sugere uma seqüência para elaborar a fundamentação teórica de uma pesquisa científica:

- Definir o fenômeno, apresentando algumas interpretações dadas a ele e deixando clara a conceituação que se pretende adotar ao longo da pesquisa (isso é necessário, pois, nas Ciências Humanas, alguns fenômenos são interpretados de diversas

maneiras, como por exemplo, a intimidade, a autonomia, a paixão);

- Caracterizar o fenômeno, explicitando os elementos que o compõem e o que já foi dito sobre eles, apresentando, também, as relações do fenômeno a ser estudado com outros fenômenos;
- Na conclusão, o pesquisador torna a fazer referências à conceituação do fenômeno e a sua caracterização e reapresenta os objetivos de sua pesquisa.



Dica

Você pode examinar os referenciais de estudos publicados em revistas eletrônicas em seu campo de estudo, bem como buscar teses e dissertações defendidas na maioria das universidades brasileiras. A biblioteca dos programas de pós-graduação muitas vezes tem acervos disponíveis de sua produção científica. Vários cursos da pós-graduação oferecem revistas eletrônicas com artigos de professores e alunos. Artigos publicados em revistas científicas também contêm seus referenciais teóricos destacados no inicio do artigo, onde citam as obras mais recentes relacionadas à temática do trabalho. Explora a INTERNET!



UNIDADE 12

Objetivos: Apresentar componentes do quadro teórico de uma pesquisa.

Organizando um quadro teórico inicial

Ajuda bastante pensar em algumas definições básicas. Se **quadro**, significa uma forma que limita algo externamente e **teoria**, é um conjunto de princípios fundamentais que sustentam uma explicação de um dado fenômeno, o quadro teórico de uma pesquisa é iniciado pela identificação do que sabemos sobre o problema a ser estudado.⁸

É necessário que confirmemos se o problema já foi estudado, quando e por quem. Na fase de revisão do que já foi escrito identificamos os conhecimentos disponíveis sobre o assunto a ser investigado. Também identificamos conceitos e teorias que ajudam a explicar o fenômeno. Assim, ao construir um quadro teórico de um estudo científico, realizamos três tarefas simultaneamente:

- Sistematizamos as representações (conhecimentos) que temos acerca do problema, até então dispersos;
- Organizamos os fatos apresentados ou já verificados por outros estudos;
- Apresentamos as teorias e os conceitos que ajudam a explicar os fatos (DOXSEY e MUGRABI, 2003, p. 37).

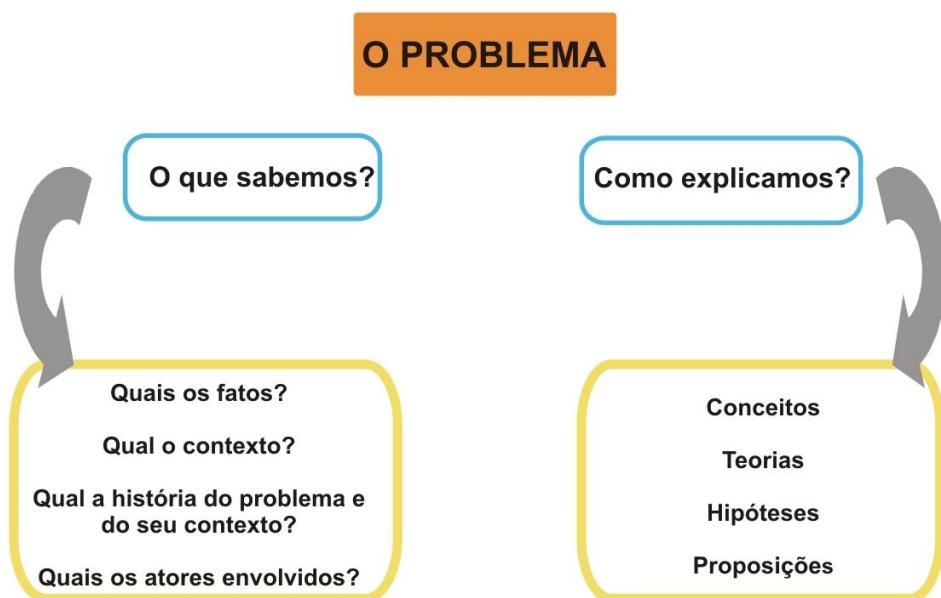
Em outras palavras, o quadro teórico é um mapa que nos guia durante toda a pesquisa. No inicio do estudo, antes do levantamento bibliográfico, é um quadro simples. O desafio do(a)

⁸ Lembra que referencial teórico e quadro teórico são a mesma coisa!

pesquisador(a) é melhorar e detalhar seu quadro ao longo do estudo, acrescentando novos fatos e informações. Na conclusão do trabalho, voltamos a discutir o problema, as informações (dados) que coletamos a luz do quadro (mapa) que nos guiou.

O quadro seguinte é um desenho que simboliza a organização teórica inicial. É nosso referencial para a pesquisa!

Quadro 02. O quadro teórico inicial



Quando escolhemos um problema a estudar, certamente sabemos algo sobre a situação ou contexto do problema. Esse é nosso ponto de partida. Suponha que você vai explorar o tema da evasão escolar brasileira.

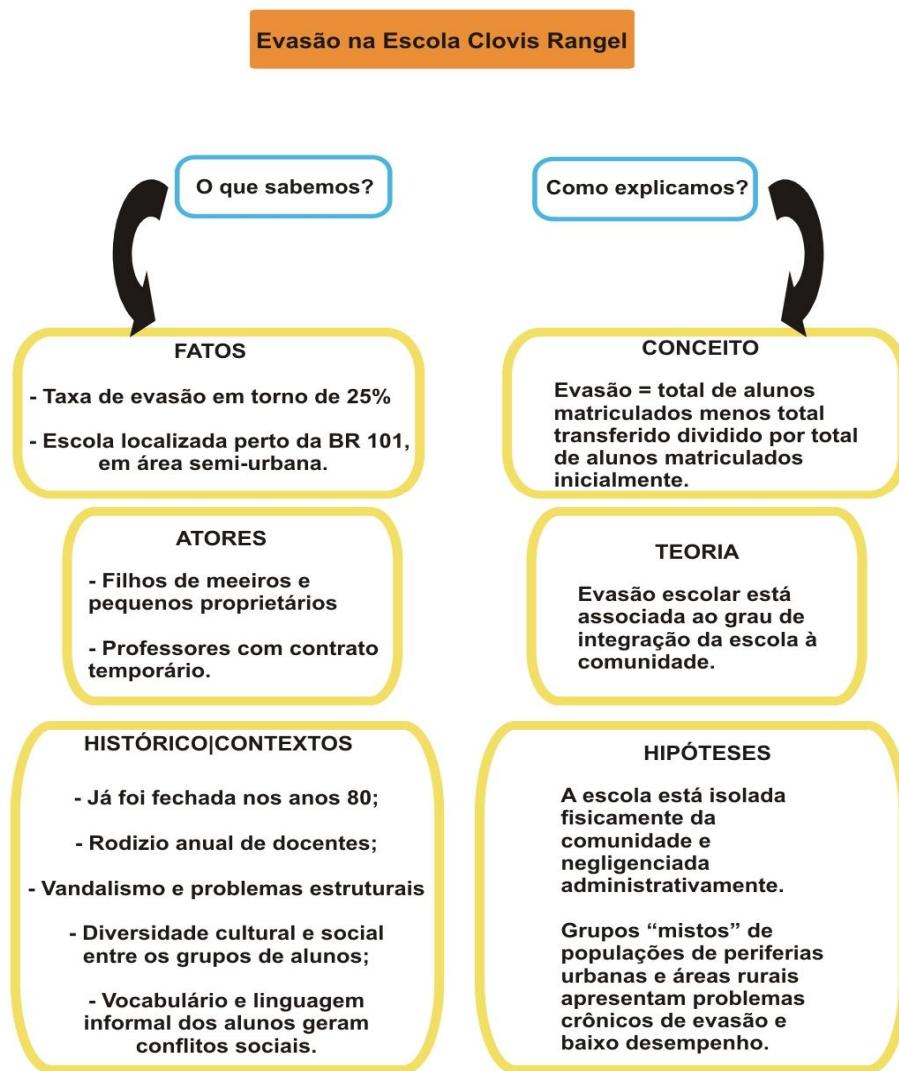
O que você já sabe sobre evasão escolar? Na sua escola, na sua faculdade, no seu município, no seu Estado de residência ou no Brasil? Que documentos ou livros existem sobre evasão? Você já leu algum trabalho, artigo científico, livros sobre a evasão? Onde pode procurar mais referências? Que recursos humanos podem ser consultados sobre isso?

Abaixo apresentamos um esquema simples de um quadro teórico sobre a evasão numa escola específica, localizada em uma estrada federal, a BR 101, no Espírito Santo. As informações ‘conhecidas’ estão no lado esquerdo. No lado direito, alguns possíveis conceitos, definições, hipóteses e teorias importantes para tentar explicar a evasão dessa escola estão listados. Observe que o quadro é um referencial inicial do conhecimento atual existente sobre o problema. A pesquisa vai ser uma tentativa de documentar ou explicar melhor os fatos.

Mesmo configurando informações superficiais, o quadro permite a elaboração de um mapa mais detalhado. Que outros conceitos seriam importantes para esclarecer o problema? Quais as outras teorias ou hipóteses que existem sobre evasão? É óbvio que há necessidade de trabalhar com conceitos claros e coletar dados sobre os fatos, contexto e histórico do fenômeno sob investigação.

Em áreas de conhecimento técnico nem sempre há muito material disponível. O pesquisador não deve se desanimar por isso. Neste caso é necessário buscar subsídios em projetos, sistemas, em outras áreas de conhecimento ou em tecnologias semelhantes. À medida que organizamos informações e fontes diversas em nossa produção científica estamos contribuindo para a construção do saber.

Quadro 03. Exemplo de um quadro teórico inicial



UNIDADE 13

Objetivos: Introduzir a importância de elaborar resumos e fichamentos de material identificado no levantamento bibliográfico.

Elaborando resumos e fichamentos



A pesquisa ou levantamento bibliográfico é um importante estágio na elaboração do quadro inicial. Se o pesquisador utiliza teorias e conceitos para estudar fenômenos, a leitura é um hábito que deve ser cultivado. Pela leitura, o pesquisador fica conhecendo o que outros pesquisadores e autores já disseram a respeito do fenômeno que pretende estudar.

Para que você possa otimizar seu tempo, é bom que, ao ler um livro, um documento ou qualquer outro material você faça um levantamento das informações que poderão ser úteis. Além de comentar resumidamente as idéias apresentadas, você pode, por exemplo, destacar o que o próprio autor diz sobre a obra ao apresentá-la. Pode, também, escrever, destacando trechos para serem usados em futuras citações.

É preciso não esquecer de anotar as referências da obra, que devem constar do item referências bibliográficas, caso a obra venha a fazer parte do quadro teórico da pesquisa ou ser citada no texto. Mais adiante serão abordados os tipos de material que o pesquisador pode consultar, bem como a maneira correta de apresentar as referências das fontes consultadas.



Dica

Quando se sente sem vontade ou sem muita criatividade para escrever o seu trabalho, organiza as suas referencias em formato de bibliografia. Mantenha esta lista bibliográfica em ordem alfabética e atualizada. Isso pode lhe salvar muito tempo durante a elaboração de seu relatório de pesquisa, monografia ou outro trabalho escrito. Conversa com outros sobre suas idéias e dúvidas, sempre consultando a INTERNET com novas palavras chaves, conceitos e nomes de autores. Pesquisar e escrever tendem a ser tarefas solitárias, mas depois você vai descobrir varias “compensas” para todo o seu esforço!



UNIDADE 14

Objetivos: Conhecer os diversos processos de coleta de informações e dados, diferenciando entre a pesquisa bibliográfica e a coleta de dados em campo; Mostrar que a escolha de um método específico depende principalmente do objeto do estudo. Coleta de dados⁹



Pesquisar é conhecer a realidade. É levantar informações significativas e representativas existentes nesta realidade, chamados de “dados”. Às vezes, esses dados (atributos e características das pessoas e dos fenômenos que elegemos para estudar) podem ser observados, contados, medidos diretamente. Nesse caso, são informações **tangíveis**. Outras vezes. Muitos fenômenos que interessam ao educador e ao cientista não podem ser medidos ou observados diretamente.

Nas Ciências Humanas, precisamos estimular respostas, questionar e observar para produzir os nossos dados. Esses dados, então, serão examinados para que possamos lhes atribuir significados. E a partir da análise e interpretação das informações coletadas iremos discernir **padrões de respostas, tendências e associações**.

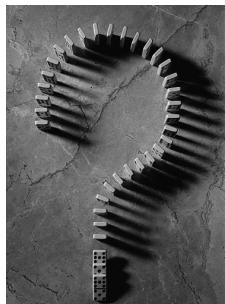
É necessário, então, utilizar ferramentas que nos permitam chegar a coletar, organizar e analisar os dados. Os instrumentos são os mecanismos pelos quais organizamos e sistematizamos a coleta de informações. Para ser considerado um mecanismo adequado e confiável, o formato do instrumento precisa facilitar o registro eficiente das informações procuradas. Na coleta de dados é também necessário garantir a uniformidade de aplicação do instrumento de unidade de análise para outra, ou seja, de uma pessoa, de um grupo, de uma situação, para outra (Ver RICHARDSON, Capítulo 11 – Confidabilidade e validade, p. 174.).

⁹ Esse texto foi adaptado do Fascículo 01 – Introdução à pesquisa educacional, Capítulo 3, da autoria de Doxsey e Mugrabi, 2003.

Isso significa que, o instrumento de coleta (questionário, ficha de observação, roteiro de entrevista etc.) deve ser organizado de tal maneira que a forma de sua aplicação não altere a natureza dos dados registrados. Já os itens e perguntas, são padronizados em termos de seu formato.

É importante construir instrumentos que coletam informações que correspondam à realidade pesquisada, ou seja, que os instrumentos sejam válidos, que produzam informações verdadeiras e válidas para o objetivo do estudo. Para Richardson (1999), um instrumento é válido quando mede o que deseja.

Resumir o que já foi dito ou ir a campo?



Ao preparar o projeto de pesquisa, um dos tópicos que devem ser incluídos é a especificação dos procedimentos metodológicos planejados para realizar o estudo. Dentre as informações que devem constar deste item está a classificação da pesquisa quanto à coleta de dados. A confusão mais frequente entre os pesquisadores iniciantes está relacionada justamente a isso.

A grande maioria informa que vai realizar uma pesquisa do tipo bibliográfica. Se este for o tipo de pesquisa a ser realizado, significa que você vai produzir um ensaio teórico; vai ler algumas obras e, a partir disso, fazer uma síntese do pensamento dos autores consultados. A pesquisa bibliográfica utiliza, exclusivamente, a coleta de informações, conceitos e dados em livros, revistas científicas, publicações eletrônicas e outros documentos escritos (publicados ou não).

O que é preciso ter claro é o seguinte: não se deve confundir a construção do quadro teórico ou referencial teórico com a pesquisa do tipo bibliográfica. Toda pesquisa tem algum tipo de referencial, que é uma revisão sistemática da literatura existente¹⁰. Todo pesquisador precisa

¹⁰ Obras, textos, artigos, informação de sites da Internet, dissertações, teses, monografias, relatórios técnicos, revistas científicas, resenhas, cartas, documentos escritos etc., publicados ou não.

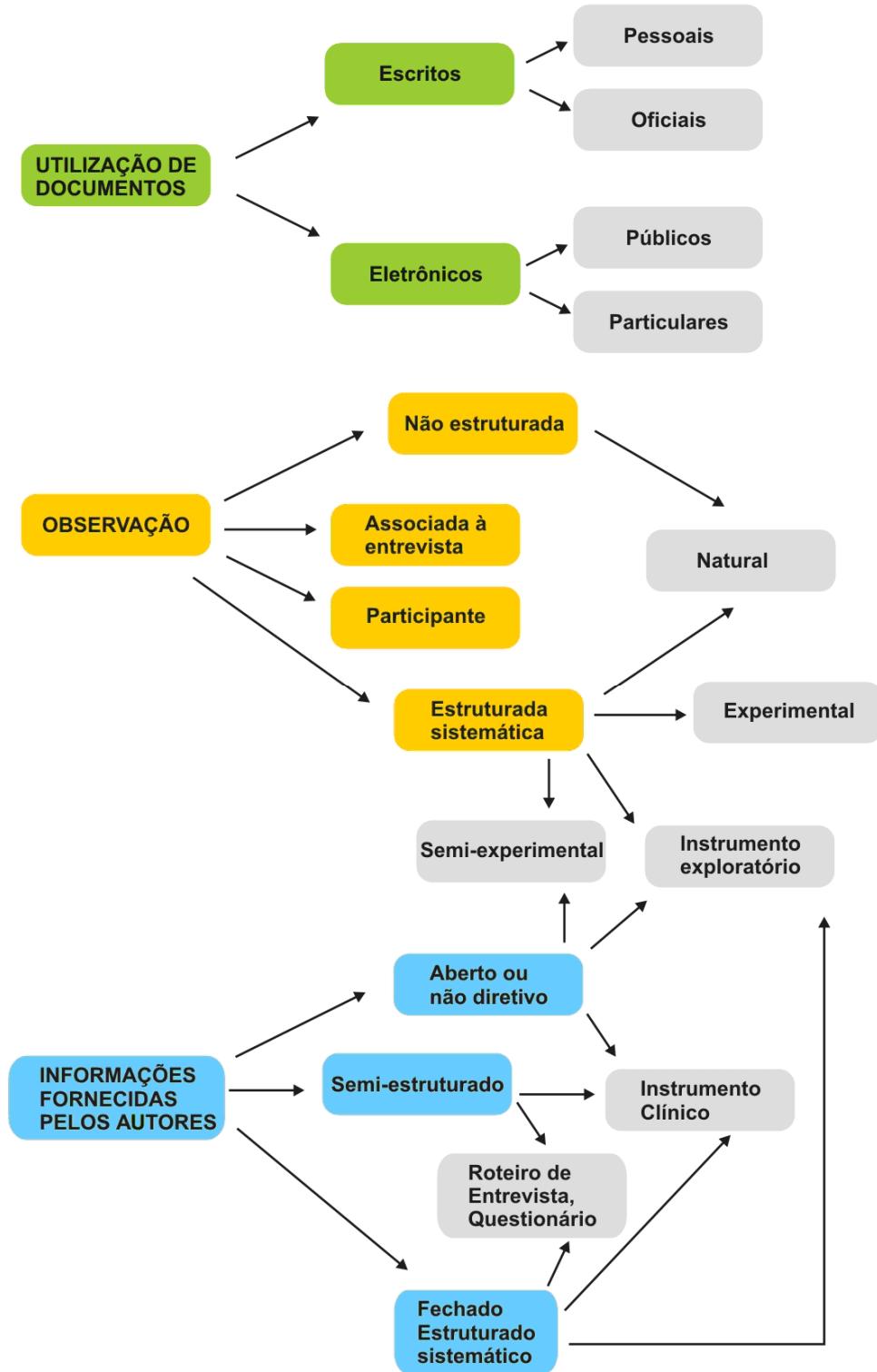
consultar livros, mas essa consulta aos livros, apenas, não caracteriza a pesquisa como bibliográfica.

Mais uma vez: uma pesquisa bibliográfica é aquela em que os dados apresentados provêm apenas de livros, revistas científicas, publicações eletrônicas e outros documentos escritos. No entanto, você pode escolher um outro caminho para coletar os dados: a pesquisa de campo. Nela, segundo a definição de Gil (2002), “(...) o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância do pesquisador ter tido, ele mesmo, uma experiência direta com a situação de estudo” (p. 53).

Este “outro caminho” se trata de um estudo empírico, no qual o pesquisador sai a campo para conhecer determinada realidade, no interior da qual, usando os instrumentos e técnicas já especificadas, coleta dados para sua pesquisa.

A escolha de um método específico depende principalmente do objeto do estudo, mas o fator tempo e a necessidade para usar um ou vários métodos em conjunto influenciam a seleção. Pesquisadores iniciantes não precisam ter domínio ou conhecimento de todos os métodos apresentados no quadro, mas é importante saber da abrangência de possibilidades disponíveis. O quadro a seguir mostra a complexidade de métodos de coleta de dados.

Quadro 04. Método de coleta de dados⁴



4 Adaptação da figura 6.1 contandriopoulos (et. Ali.), 1997, p.73

Alguns tipos de estudo usam mais do que um método ou técnica de coleta de dados. O bom estudo de caso exige a utilização de documentos, de observação e da coleta de informações diretamente com os principais atores envolvidos no problema. No entanto, por exemplo: a observação participante. O pesquisador pode optar por um método único para explorar um problema menos pesquisado.

Em resumo, há conexões lógicas e metodológicas entre o tipo de pesquisa, os métodos e procedimentos selecionados e os próprios objetivos. Em geral, para quem está iniciando, saber que o elenco de métodos é grande, raramente tranquiliza ou resolve o problema da escolha. Para alguns autores o método utilizado define o tipo de pesquisa. Richardson, por exemplo, sugere uma tipologia bastante simples (p. 326):

- Pesquisas históricas;
- Pesquisas exploratórias;
- Pesquisas descritivas;
- Pesquisas explicativas:
 - Enquetes, survey (levantamentos de opinião);
 - Experimentos;
 - Quase experimentos;
 - Estudos de caso
- Pesquisa-ação.

Como se pode ver, o tipo de pesquisa, então, é apenas um rótulo que se usa para diferenciar entre métodos e as técnicas principais. No quadro a seguir, são enumerados alguns tipos de pesquisa com suas respectivas características e principais formas de coleta de dados.

Quadro 05. Especificação de tipo de pesquisa, métodos e principais formas de coleta de dados

TIPOS DE PESQUISA		
MÉTODOS	OBJETIVOS	COLETA DE DADOS
Histórico	Reconstruir, sistematizar acontecimentos para explicar fatos e tendências atuais.	Análise documental
Exploratório	Conhecer melhor as características e padrões existentes em um fenômeno, para postular associações e explicar as condições, causas e consequências.	Observação Informação dos atores
Descritivo	Descrever de forma holística, detalhada e sistemática os elementos, atributos, contexto, condições, tendências de um fenômeno ou área de interesse.	Observação Informação dos atores
Métodos Explicativos		
Enquetes	Levantamento e registro de comportamento verbal para investigar relações de causa-efeito e associações entre fenômenos, geralmente em amostras de sujeitos selecionados do universo maior da população.	Informação dos atores
Experimentos	Investigação das possíveis relações de causa-efeito, submetendo grupo experimental a tratamento, intervenção, e comparando com outro(s) grupo(s) que não sofreram a intervenção (grupo de controle).	Observação Informação dos atores
Quase	Investigação de relações de causa-efeito com grupo	

experimentos	sob intervenção, sem grupo de controle, ou comparando fatores; no mesmo grupo antes e após tratamento ou experiência; ou em grupos semelhantes.	Observação Informação dos atores
Estudos de caso	Exploração intensiva que investiga fenômeno atual (individual ou coletivo) detalhadamente e holisticamente dentro de seu contexto de realidade.	Análise documental Observação Informação dos atores
Pesquisa-ação	Estudo participativo dos sujeitos da pesquisa em todas as etapas, com engajamento pleno do pesquisador em clarificar métodos e uso prático dos resultados.	Análise documental Observação Informação dos atores

Quadro adaptado de Richardson (1999, p. 326-327).

UNIDADE 15

Objetivos: Clarificar as opções de produção científica entre a pesquisa bibliográfica e investigação de campo.

Fazendo a sua escolha



Dante dessas opções, você precisa decidir por um destes dois caminhos: se sua monografia será exclusivamente uma análise de pensamentos e idéias já apresentadas (tipo de pesquisa bibliográfica) ou se é no campo que você vai investigar a resposta para o seu problema de pesquisa.

Nessa escolha, é importante ressaltar que a monografia, para a maior parte dos alunos da pós-graduação, é a primeira oportunidade de fazer ciência. Os níveis escolares pelos quais passaram até então quase sempre exigiam que seus estudos se baseassem em ideias, pensamentos e teorias defendidos por outras pessoas.

Era sempre assim: “alguém disse isso”, “fulano defendeu aquilo” e “beltrano argumentou aquilo outro...” Quantas vezes você mesmo pôde defender suas idéias, na sala de aula? Preparar sua monografia utilizando a pesquisa de campo dá a você essa possibilidade! E mais: é a oportunidade para você usar as suas idéias na construção de um discurso científico!

Mesmo assim, talvez o tema de um estudo requer um levantamento bibliográfica apenas. Há problemas de pesquisa com bastante informação disponível. Um aluno de pós-graduação pode optar por concentrar-se na organização de material já disponível. A pesquisa bibliográfica que produz uma boa síntese crítica de informações disponíveis é um ótimo projeto de pós-graduação.

UNIDADE 16

Objetivos: Reconhecer a necessidade para a delimitação do estudo e a seleção adequada da unidade de análise para a coleta de dados

Delimitando a pesquisa

Uma tarefa difícil para todo pesquisador é estabelecer algumas limitações às suas expectativas de cobrir todos os aspectos relevantes de um problema. No processo de delimitação de um estudo, o pesquisador necessariamente reduz a extensão da investigação para focalizar melhor o seu problema. Isso não quer dizer que perde o contexto de seu problema ou deixa de analisar algo importante. Mas, considerações, muitas vezes pragmáticas, podem “forçar” uma especificação mais precisa do trabalho a ser realizado. Nesse sentido, um bom pesquisador logo aprende a “escolher” um caminho mais específico, mais delimitado e focalizado.

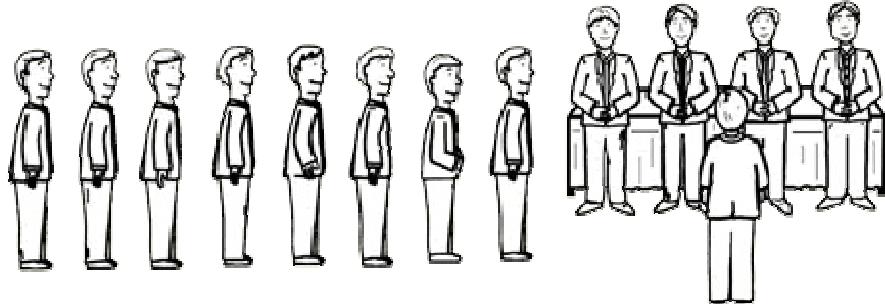
A unidade de análise e os sujeitos da pesquisa

Um detalhe muitas vezes omitido sobre metodologia de pesquisa é a lembrança sobre a delimitação do foco do estudo. Foco é uma questão de escolha e especificação de limites.

É essencial determinar qual será a principal fonte das informações a serem coletadas. A unidade de análise pode ser uma pessoa, um grupo, uma empresa, uma sala de aula, um município. Pode ser configurado em outro âmbito, num âmbito mais macro: um setor econômico, uma divisão de uma instituição ou uma escola.

Independente do âmbito da análise é necessário saber quais os **sujeitos da pesquisa**. A escolha de quem vai ser estudado mantém uma relação estreita com dois aspectos principais: 1) até que ponto queremos **generalizar** ou concluir algo para um pequeno grupo

ou para uma população maior; 2) quantos casos, indivíduos, unidades de observação precisam ser estudados para que os resultados sejam considerados ‘científicos’ (DOXSEY E MUGRABI, 2005).



As técnicas de amostragem permitem reduzir o número de sujeitos numa pesquisa, sem risco de invalidar resultados ou de impossibilitar a generalização para a população como um todo.

“Nos trabalhos quantitativos, a generalização está determinada pela amostragem aleatória e pela estatística inferencial, mas essas técnicas não são relevantes para a pesquisa qualitativa” (RICHARDSON, 1999, p. 101). Apresentamos a seguir um resumo da discussão sobre amostragem.

Algumas definições de população e amostra

Lavado e Castro (2004)

Na elaboração de um projeto de pesquisa, deve-se ter clara a definição dos termos "população" e "amostra". A população diz respeito a um conjunto de elementos onde, cada um deles, apresenta uma ou mais características em comum. Quando se extrai um conjunto de observações da população, ou seja, toma-se parte desta para a realização do estudo, tem-se a chamada amostra.

Na prática, a partir de uma amostra, pode-se fazer inferências para a população. O termo amostragem refere-se ao processo pelo qual se obtém uma amostra e deve ser realizada

com técnicas adequadas para garantir a representatividade da população em estudo. Cabe ainda ressaltar que, sempre que possível, cada elemento da população deve ter igual chance de participar da amostra, evitando assim, o chamado viés de seleção. O levantamento por amostragem provê algumas vantagens na realização do estudo como: menor custo, resultados em menor tempo, objetivos mais amplos e dados fidedignos (p. 1).

Disponível em: <www.evidencias.com/planejamento> e <www.metodologia.org>.

Mas, se o seu estudo não utiliza técnicas de amostragem, uma abordagem quantitativa, quantos sujeitos ou unidades de observação são necessários? Infelizmente, não existem 'regras' para responder a pergunta. Para a pesquisa qualitativa o pesquisador seleciona os sujeitos de acordo com o problema da pesquisa. Quem sabe mais sobre o problema? Quem pode validar tal informação com outro ponto de vista ou uma visão mais crítica dessa situação problemática?

O iniciante em pesquisa científica muitas vezes pensa que a pesquisa qualitativa é o caminho mais indicado para se exercitar na pesquisa porque exige um número menor de entrevistas, questionários ou observações, etc. A pesquisa quantitativa é **percebida** como mais complicada e demorada com um maior número de observações necessárias. Nem sempre essa percepção é verdadeira!

Vários fatores influenciam as decisões tomadas pelo pesquisador no planejamento de um projeto. O tamanho e a complexidade da população são os principais determinantes no tamanho e no tipo de amostra contemplado. As pesquisas qualitativas permitem maior liberdade na composição dos casos e/ou unidades a serem escolhidas.

Ao mesmo tempo em que observamos questões pragmáticas no desenho do estudo, o pesquisador deve evitar que preferências, valores pessoais ou fatores de conveniência afetem suas decisões sobre a população a ser estudada. O bom senso não é suficiente para determinar o tamanho da amostra em pesquisas quantitativas.

É necessário utilizar as fórmulas estatísticas, evitando regras simplistas pelas quais o pesquisador aplica uma porcentagem X ao número total da população (universo) para calcular a amostra. Via de regra, evita-se estudos quantitativos (exploratórios ou descritivos) com menos de 30 casos. Dependendo do estudo, muitas vezes, apenas um grupo será insuficiente para a pesquisa quantitativa ou qualitativa.

Por outro lado, um bom estudo de caso pode envolver “apenas” uma família, uma pequena escola ou instituição. No final das contas, você, pesquisador(a), é quem determina a abrangência e especificação de seu estudo. É de suma importância, portanto, um planejamento e justificativa adequados para as estratégias adotadas em sua proposta.



Dica

Se precisar entender melhor a diferença entre “quantitativo” e “qualitativo”, você deve consultar os livros na bibliografia do módulo ou buscar as definições e exemplos disponíveis na INTERNET. Não há caminho fácil para aprofundar os seus conhecimentos desses conceitos.



UNIDADE 17

Objetivos: Conhecer a importância de um cronograma na execução de uma pesquisa.

Cronograma de execução da pesquisa



Depois de definir os procedimentos metodológicos que serão usados na realização da pesquisa, você pode pensar em elaborar um cronograma, informando as etapas de execução e os períodos em que cada uma delas será realizada.

Procure dimensionar o tempo de que você dispõe, de forma a não delimitar tempo a mais, nem a menos, para cada tarefa. O cronograma é organizado em forma de tabela, como mostra o exemplo a seguir:

ATIVIDADES	ANO 01								ANO 02		
	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar
Coletar dados											
Analisar e interpretar dados											
Redigir pesquisa											
Revisar pesquisa											
Apresentar da pesquisa											

Tente seguir os prazos que você estabeleceu para cada tarefa. Lembre-se que você tem um prazo para terminar seu curso e o trabalho escrito. Por isso, administre o tempo de que dispõe, preferencialmente, dedicando-se todos os dias à elaboração da sua pesquisa.



Estudo Complementar

Utilizando as palavras chaves “cronograma de projeto” leia mais sobre os vários tipos de cronograma para projetos de estudo, planos de pesquisa, etc. Um cronograma físico detalha mais ainda os produtos esperados de um projeto. Explora o conceito de cronograma. Achei 3.160.000 resultados em 0,27 segundos numa busca usando GOOGLE para “cronograma de projeto”!



UNIDADE 18

Objetivos: Clarificar a função do tutor orientador da ESAB e sua relação com pesquisador.

A busca pela orientação

Ao longo da execução da pesquisa, você pode sentir necessidade de ser acompanhado por um tutor. Os alunos matriculados nos cursos da **ESAB** deverão desenvolver o seu Plano de Monografia e submetê-lo a avaliação na Etapa 1 da orientação. Na fase seguinte, a Monografia sendo desenvolvida, será analisada por um Tutor designado pela **ESAB**, que fará ponderações sobre o trabalho, caso sejam necessárias. Nessas interações ocorre a orientação, podendo o aluno realizar alterações e melhorias na monografia, antes que ela seja submetida à Avaliação Final.

A função do Tutor já está explícita: **ajudar, guiar e orientar** tanto o plano, quanto a monografia em si. Se você está realizando uma pesquisa, tem um problema de pesquisa para o qual está buscando resposta. Pode precisar, portanto, de alguém que tenha conhecimento a respeito de tal problema, de forma a poder te ajudar.

É possível, portanto, que o tema do estudo seja revisto várias vezes durante o processo de orientação para ajustar o estudo ao conhecimento e experiência do Tutor para garantir que haja recursos disponíveis para facilitar o trabalho e que a abrangência da proposta seja viável no tempo previsto.

Muitos alunos esperam do Tutor algo que ele não deve fazer: tomar decisões no lugar do aluno. Não espere do Tutor aquilo que é você quem deve fazer. Você é o pesquisador responsável pelo planejamento, pela organização, pela execução e produção do trabalho. **Não é função de um tutor formatar o trabalho, buscar fontes ou textos ou corrigir erros de ortografia e gramática.** Isso não isenta o Tutor da responsabilidade da orientação. Coloca o pesquisador como principal responsável pelo processo da construção do saber.

O problema de pesquisa é seu, foi definido por você, por motivos que são seus, que fazem parte da sua história. Decidir por você significa impedir que você possa construir seu próprio caminho como pesquisador.

Na sua relação com o Tutor, procure vê-lo como um interlocutor, um mediador, alguém com quem você conversa e troca ideias. Ele/ela é alguém que, em alguns pontos, tem mais experiência que você, mas que também vai aprender com você. Por isso, tanto você quanto o Tutor Orientador vão emitir opiniões e trocar ideias. Suas opiniões têm muito valor. Afinal, você é o(a) autor(a) do trabalho!

Para finalizar, a qualidade da orientação nunca pode ser utilizada como desculpa ou justificativa para a qualidade do trabalho científico produzido, cujo responsável principal é o pesquisador e o autor do estudo.



Para sua reflexão

No final desse módulo será levantada uma série de considerações sobre a ética acadêmica. Essa discussão é pró-ativa, tendo como finalidade a prevenção de práticas e de atitudes que comprometem a integridade da produção científica submetida à ESAB como requisito para certificação de nossos cursos. Nossa equipe responsável pela orientação dos trabalhos tem uma vasta experiência com Educação a Distância e orientação acadêmica. Já tivemos problemas de plágio com alguns alunos que submeteram trabalhos acadêmicos que não foram de sua autoria ou que continham material copiado e colado sem citação da fonte. Essas práticas podem resultar no desligamento do aluno de seu curso.

Em sua opinião, que fatores contribuem para a prática de plágio? O que você pode fazer para garantir a originalidade e integridade do material produzido por você? Como você pode levantar suas dúvidas sobre citação de material escrito junto a seu orientador?



UNIDADE 19

Objetivos: Descrever os procedimentos básicos da coleta e análise de dados.

A execução da coleta e da análise de dados



O cerne de uma pesquisa é o **problema**. E, durante a realização do estudo, o pesquisador se move no sentido de buscar respondê-lo. No projeto, o pesquisador define como vai realizar o estudo. Depois de aprovar o projeto junto a um orientador, o pesquisador começa a coletar dados, indo a campo buscar informações que possam dar essa resposta.

Na coleta de dados, o pesquisador usa os instrumentos e técnicas que informou no item ‘Procedimentos metodológicos’, que consta do projeto e que já foram apresentados anteriormente.

Coletados os dados, é hora de fazer a análise do que se tem em mãos. Na fase de análise, o pesquisador vai verificar, entre os dados que obteve, informações tais como:

- Quais as informações que aparecem com mais frequência?
- Quais as possíveis razões para serem mais frequentes?
- Quais as informações que aparecem com menos frequência?
- Quais as possíveis razões para serem menos frequentes?

Quando faz um mapeamento dos dados obtidos durante a coleta, o pesquisador tem condições de fazer uma síntese do que possui, apresentando as tendências que percebe.

A análise dos dados é feita à luz do referencial teórico. Esta é a etapa que chamamos discussão ou análise dos dados. Fazemos observações e interpretações das informações

com base nas no referencial teórico previamente discutido no texto. É nesta discussão que o pesquisador confirma suas idéias/hipóteses, propõe mudanças, convida os leitores à reflexão. Não precisa esperar as Conclusões ou Considerações Finais para apontar e sintetizar as principais tendências nos dados analisados.

Na fase de análise, se a opção do pesquisador foi pelo método quantitativo para tratar os dados, tabelas e gráficos serão recursos amplamente utilizados para apresentar a distribuição dos dados. Quantificamos quando contamos indivíduos, ocorrências ou frequências de ocorrências de fatos. Cabe ao pesquisador escolher os tipos de análise estatística e apresentação dos resultados no trabalho final. (Ver LAVILLE e DIONNE, Apêndice B – Elementos de Análise Estatística, p. 299-329, para mais exemplos e detalhes sobre quantificação.)



Estudo Complementar

Consulte o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (**IBGE**), para ter uma ideia de como você poderá estruturar o tópico em que vai proceder à análise dos dados obtidos durante a coleta. O endereço é www.ibge.gov.br.



Se a escolha foi por analisar os dados com técnicas qualitativas, o tratamento dos dados será feito com o uso de técnicas como análise documental, de análise de conteúdo ou análise histórica. Também pode organizar as informações em formato de tabelas, mapas cognitivos, quadros ou outros ilustrações dos resultados.

A análise dita qualitativa é aquela em que os dados são apresentados de forma verbal ou escritos. Em geral, ela compreende três etapas essenciais:

- 1. a preparação do material bruto:** quando as entrevistas terminarem ou os questionários forem recolhidos, transcreve-se as informações obtidas, de modo a criar um banco de dados e facilitar o manuseio do material disponível;

2. a condensação ou redução dos dados: trata-se de reduzir e estruturar o conjunto de dados e informações organizadas na primeira etapa; isso pode ser feito de múltiplas maneiras, e segundo o princípio adotado de recorte dos enunciados, distingue-se vários tipos de análise de conteúdo. (Ver a próxima unidade para um exemplo de análise temática.);

3. a produção de resultados: a partir da seleção de certos temas vinculados diretamente com o problema de pesquisa, identifica-se variações no interior do corpus e propõe-se elementos que explicam tal variação, ou ainda apresenta-se tipologias mais recorrentes.

Cada técnica de análise requer procedimentos particulares, a serem utilizados. Vários manuais de Metodologia de Pesquisa trazem informações detalhadas sobre essas técnicas. Como sugestão, você pode consultar **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas** (RICHARDSON, 1999) ou livros sobre pesquisa qualitativa apresentados na Bibliografia desse módulo.

UNIDADE 20

Objetivos: Apresentar um exemplo de análise qualitativa de dados.

Um exemplo de análise temática

Um exemplo de análise temática pode ser encontrado na dissertação de Jeanine Maria Dagostini Valentim (2002). Desejando investigar os processos psicossociais de grupos acadêmicos, a pesquisadora realizou uma série de entrevistas com vários grupos de alunos/as. Depois de ter lido várias vezes as transcrições do conjunto das entrevistas, ela identificou sete temas. Veja como esse processo aparece descrito em sua dissertação.

(...) após várias leituras das transcrições das entrevistas de cada grupo, escuta constante das gravações, por meio das quais podia sentir e perceber vivos todos os movimentos do processo, como risos, silêncios, choros, esbravejar de alguns, (...)percebi ser necessário refletir sobre isso, a fim de enunciar o significado que havia captado intuitivamente. Após isso feito, procurei unir os elementos que fossem comuns à vivência de todos os grupos (p. 33).

Disso surgiram elementos que foram guias para facilitar a compreensão dos dados coletados.

- Grupos Acadêmicos: grupo de pessoas em interação/comunicação, que em comum compartilham experiências e aprendizagem.
- Percepção do Grupo: Consciência relativa aos processos do fenômeno grupal.
- Corporações: subgrupos, “panelinhas”, dentro dos Grupos Acadêmicos.
- Zona de conforto: dimensão interativa que evidencia a “angústia da procura” ou iniciativa na resolução de problemas. Envolve tarefas-emoção.

- Energia: dimensão que engloba características comportamentais que envolvem padrões de julgamento, emoções, influência e ações.
- Territórios: dimensão que envolve o movimento de abertura e resistência a mudanças e manutenção das pequenas corporações.
- Espaço/Tempo: dimensão que envolve o desafio de compartilhar os diferentes processos internos de ritmo de produção (p. 40).

O passo seguinte dado pela pesquisadora foi o de descrever os grupos e as fases pelas quais eles passaram, procurando elementos de conexão entre os diferentes temas.

(...) Tendo unido alguns elementos do processo, as análises e descrições de resultados seguiram os seguintes movimentos:

- Descrevi os grupos, guiada pelo mapa conceitual e pela questão norteadora: os processos interativos/comunicativos no grupo acadêmico, turma de sala de aula formal de ensino superior;
- Descrevi sobre os processos e fases; transcrevi extratos dos relatos dos grupos a respeito dos processos que me falaram desse sentido;
- Delineei elementos dos processos e, através disso, pude ter mais clareza de determinados conceitos;
- Envolvi-me novamente com os relatos dos grupos e identifiquei as dimensões mais detalhadamente;
- Enunciei alguns resultados inerentes às interconexões das dimensões (p.41).

Esse trabalho de busca de conexão entre os temas, tentando aprender elementos de regularidade, culmina com a definição de quatro categorias (**zona de conforto, energia,**

territórios, espaço-tempo), a partir das quais a pesquisadora interpreta as atitudes significativas dos pesquisados/as para o processo comunicativo dos grupos. Vejamos como a própria autora tenta compreender os dados de que dispõe e propõe sua interpretação do fenômeno em questão, tomando como exemplo a maneira como ela explora a categoria que ela designou *zona de conforto*.

Zona de Conforto

A zona de conforto, termo utilizado por um dos próprios participantes das entrevistas, põe em jogo a “*angústia da procura*” (E2).

Diante de uma situação problema, em que não se têm padrões estabelecidos de procedimentos, envolvendo incertezas e tensão, as interações nos grupos solicitam dos indivíduos respostas em duas áreas básicas que se entrelaçam: na **resolução da tarefa**, neutra, voltada para o conteúdo e **sócio-emocionais** que pode tomar várias direções: *Dependência*, quando se procura um líder ou algo ou alguém externo para proteção ou orientação; *Luta*, quando se pode atacar e agredir a que, ou a quem, se percebe como responsável pela situação; *Fuga*, quando se pode deixar o grupo, física ou psicologicamente, e não lidar com o conflito; *União*, quando se pode estabelecer uma relação mais próxima, estabelecer um clima de maior autenticidade, compartilhando sentimentos, diminuindo o conflito e trabalhando juntos.

Nos grupos acadêmicos, percebe-se que quanto maior é o grupo, mais se amplia a zona de conforto, quer dizer que, mais pessoas se encontram no limiar da **espera**, da **acomodação**.

Assim, o grupo é percebido e associado à segurança e proteção, pois sozinho “*pouco se faz*” (E4) e “*muito se expõe*” (E4) às críticas e pode-se... “*Levar na cara e doer muito...*” (E4) e nem todos estão a fim ou preparados para serem observados, julgados e até rejeitados, caso isso venha a acontecer.

Os extratos a seguir retratam bem essa zona de conforto:

[...] eu gosto sempre de trabalhar em grupo... porque... eu acho me traz mais segurança do que fazer sozinha. (E4)

Teve uma vez, aqui na turma, teve uma pessoa em especial,... e colocou a cara para bater e falou: olha professora, estou tomando posição..., aí, foi depois do depoimento da colega que, muito aos poucos e com constrangimento, outras pessoas foram colocando seus depoimentos. (E4)

Muitas pessoas recorrem à zona de conforto e esperam que falem para elas: olha, você vai ter que fazer isso. Mas, essa é a parte mais fácil, o mais difícil é iniciar o processo, descobrir como cada um pode contribuir. (E2)

[...] a, como você (essa é a pessoa considerada o representante do grupo) não estava aqui, o trabalho ficou parado, ninguém decidia, ninguém fazia nada e ficava um esperando pelo outro. Então, como ficava um esperando pelo outro, cada um foi procurar o que é melhor para ele, entrar num grupo que as coisas já estavam caminhando. Ninguém tomou a iniciativa: vamos fazer isso! Então tem esse fator de acomodação... (E3).

Assim, **Zona de Conforto** pode ir desde o cumprimento de tarefas acadêmicas mais simples até confrontos com professores e com outros grupos. Significa que no grupo acadêmico, as interações são polarizadas na *dependência*, nomeada como “*comodismo*” (E2, 3), momento de “*espera*” (E2).

Os sentidos dessa dimensão percebidos por mim podem ser assim descritos: Olho para um lado, olho para o outro, sem saber o que e como fazer, espero pelo outro para me guiar, dar iniciativa; dependo de alguém para mostrar-me o caminho, se não obtenho esse cuidado, agrido e culpo aquele que não me conduziu, não consigo entender qual minha função neste grupo, preciso de alguém, de um outro para dar o primeiro passo em direção à solução da situação problema.

O outro é considerado como uma espécie de representante, aquele a quem lhe é confiado a tarefa de arquitetar e planejar o andamento da corporação. Ele é tão importante para o grupo, que na sua ausência muitos subgrupos se dissolvem, desintegram, pois seus membros não dispõem de autonomia e iniciativa bastantes para dar prosseguimento às tarefas. Preferem se ajustar a um outro grupo que já esteja com suas atividades em andamento, a partir para uma iniciativa própria. A angústia da procura encontra-se neste limiar de tomar a iniciativa, dar o primeiro passo, iniciar o processo (p. 86-88).

Outros aspectos da análise de conteúdo

Em geral, as entrevistas ou as respostas abertas de um questionário são constituídas por respostas muito variadas, às vezes heteróclitas, a uma mesma questão. O trabalho de análise consiste em descobrir, para além desse material verbal, certas atitudes, certos traços pessoais ou uma maneira de pensar.

Esse trabalho é delicado e meticuloso, pois é necessário fazer falar os fatos, encontrar indícios, interrogar-se a propósito da mínima frase, confrontar testemunhos, recolher provas. São as hipóteses e os conceitos continuamente revistos e afinados que permitem avançar na compreensão do fenômeno. É necessário um vai e vem permanente entre a teoria e o material coletado no campo.

Como já dissemos existem várias maneiras de analisar o conteúdo. Em geral, uma análise de conteúdo deve obedecer aos seguintes princípios:

- Princípio de extensão: a análise deve dar conta da totalidade do **corpus**;
- Princípio de fidelidade: toda e qualquer conclusão tirada deve decorrer efetivamente dos dados coletados;
- Princípio de autossuficiência: os resultados da análise devem ser exaustivos com relação ao problema, de maneira que não seja necessário retornar ao **corpus**.

O corpus de uma pesquisa refere-se ao conjunto de enunciados produzidos pelos/as entrevistados/as ou respondentes, retranscritos de maneira literal. Na transcrição das entrevistas, utiliza-se os sinais convencionais de pontuação para traduzir a palavra oral em texto escrito.

A classificação das respostas, a criação de categorias e o número de categorias

Começa-se a classificar o que é indiscutível, deixando-se de lado os casos duvidosos. As respostas ambíguas obrigam, às vezes, a um retorno ao conjunto da entrevista, para recolocar a resposta em seu contexto. Quando isso não é suficiente, toma-se outra decisão, sabendo que um certo número de respostas é sempre marginal com respeito às categorias criadas. Nesse estágio, pode-se julgar útil criar uma subcategoria suplementar ou mesmo uma categoria nova pode aparecer como uma necessidade.

Depois de ter lido atentamente e várias vezes todas as respostas, é necessário classificar em categorias as diversas posições ou atitudes que refletem as respostas. Segundo o domínio da pesquisa, essa operação de categorização pode ser feita no processo de construção do projeto, quando se define as técnicas de análise que serão utilizadas. As categorias previamente definidas têm, evidentemente, relação direta com as questões de investigação, e/ou com os objetivos da pesquisa, segundo os tipos de respostas que se espera encontrar.

As categorias *favorável*, *desfavorável* e *indiferente* são frequentemente utilizadas em pesquisas de opinião. Em outras pesquisas, só se pode estabelecer categorias depois de ter realizado a coleta de dados; neste caso, é necessário ler detidamente e, várias vezes, todas as respostas para melhor se impregnar delas, antes de estabelecer categorias essenciais. Evidentemente, essas categorias têm a ver com os objetivos/questões de investigação.

Em nosso exemplo, veja a relação entre as categorias e os objetivos específicos fixados pela pesquisadora.

(...) alguns objetivos específicos foram traçados no sentido de se responder ao que é pretendido e as metas a serem alcançadas:

- Identificar os processos que ocorrem nos grupos;
- Identificar as dimensões interativas na comunicação dos grupos;
- Ressaltar os pontos comuns nos grupos e em que momento eles surgem nas interações;
- Identificar e perceber, na dimensão interativa, as manifestações corporativas;

- Identificar os comportamentos e atitudes que facilitam/dificultam a comunicação do grupo acadêmico.

As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e em seguida por reagrupamentos, segundo critérios previamente definidos.

Tendo em vista a variedade de respostas possíveis coloca-se o problema do número de categorias. É essencialmente o objeto de investigação e o material coletado que vão determinar o número de categorias a serem criadas. Mais frequentemente, certos tipos de opiniões são agrupadas em torno de pontos precisos, com matizes que podem ser retidas em subcategorias. Uma categorização adequada deve obedecer aos seguintes critérios:

- a **exclusão mútua**: um mesmo elemento do conteúdo não pode ser classificado aleatoriamente em duas categorias diferentes;
- a **homogeneidade**: um único princípio de classificação deve governar a sua organização;
- a **pertinência**: adaptação da categoria ao material de análise escolhido;
- a **objetividade e a fidelidade**: as diferentes partes de um mesmo material devem ser classificadas da mesma maneira, mesmo quando submetidas a várias análises;
- a **produtividade**: deve fornecer resultados férteis (em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exatos).

A interpretação dos resultados

Na interpretação dos resultados, o/a pesquisador/a deve, necessariamente, retomar suas hipóteses, suas questões de investigação e/ou os objetivos da pesquisa para verificar se são validadas, invalidadas, parcialmente validadas, ou se os objetivos da pesquisa foram alcançados. Isso exige, por parte do/a pesquisador/a, inteligência, experiência, imaginação e intuição. É necessário saber captar dados surpreendentes, reveladores de fenômenos. Não se trata de verificar apenas os fatores previstos no inicio, mas de utilizar maneira inteligente o que se encontra. Frequentemente, os resultados desembocam em novas questões e/ou novas hipóteses.

Assim, uma análise de conteúdos e temas pode produzir novos pressupostos sobre a sala de aula, a importância das relações entre aprendizes bem como apontar a necessidade de diferentes abordagens na sala de aula universitária que levam mais em conta a realidade e dinâmica do clima de relações estabelecidas e emergentes.

UNIDADE 21

Objetivos: Introduzir um roteiro de elementos essenciais para confecção de um plano ou projeto de pesquisa; estabelecer normas básicas para a produção científica da ESAB.

Recomendamos um roteiro simples para alunos que preparam um plano de pesquisa para os cursos da **ESAB**. Resumindo o que foi levantado até agora: o projeto é um planejamento que detalha o que o pesquisador pretende estudar, porque e como será realizado o trabalho.

Um guia com um mínimo de pontos para um projeto de pesquisa

O guia a seguir apresenta um número mínimo de tópicos e pode orientar a elaboração de um projeto ou plano de monografia, independente da área de estudo.

Lembre-se de que uma qualidade essencial de um bom cientista é sua capacidade de autocrítica, que supõe um trabalho de revisão constante de seu trabalho e de seus planos. Você não deve hesitar em alterar qualquer elemento já produzido num projeto de acordo com a sua concepção atual da proposta, que está sempre em transformação.

Os itens sugeridos no guia podem ser respondidos e, mais tarde, transformados em um formato oficial ou padronizado de projeto. Nem sempre há uma maneira mais ‘certa’ ou cientificamente ‘correta’. Isso explica porque há tantos livros de metodologia de pesquisa com receitas diferentes para a elaboração de projetos. O pesquisador precisa tomar decisões durante a elaboração do projeto à medida que delimita seu estudo.

O guia é uma ferramenta importante, pois, como dissemos anteriormente, ele contém os principais elementos de um projeto de pesquisa e sua sequência ajuda a organizar uma proposta de trabalho.

GUIA DE UM PROJETO DE PESQUISA

- 1. **Título:** Simplifique usando conceitos e expressões claras. Sempre pode ser mudado ao longo do trabalho. Um bom título é sempre conciso; não entra em detalhes; o título, provoca e atrai, por meio da síntese de idéias.
- 2. **Sub-título:** Utilize apenas para clarificar. Sub-título não é necessário. Títulos grandes podem gerar confusão.
- 3. **Autor(es):** Identifique os principais pesquisadores/as responsáveis, incluindo todos os nomes no caso de pesquisa em grupo.
- 4. **Instituição:** Instituição / unidade de vínculo / origem dos autores.
- 5. **Mês e ano:** Identifique a data inicial da proposta.
- 6. **Apresentação do problema a ser investigado:** Trata-se de um resumo da problemática.
- 7. **Enumeração das questões que devem ser respondidas ou hipóteses a serem analisadas:** Lembre-se de que a hipótese é uma proposição de resposta provisória à questão colocada e ela guia o trabalho de coleta e análise de dados.
- 8. **Justificativa:** Especifique a importância do trabalho proposto, sua relevância para seu campo de estudo e para os atores a serem pesquisados, de um ponto de vista teórico (avanço do conhecimento) e prático (impacto sobre alguma realidade atual). Use argumentos convincentes, não apenas justificando o seu *interesse pessoal* no estudo.
- 9. **Contextualização do problema:** Qual o contexto atual do problema que você pretende pesquisar? Por que este problema se manifesta assim? Sempre foi assim? Quais os fatores que contribuem para a existência deste problema? Quais dimensões/autores/processos fora do contexto imediato do problema exercem algum tipo de influência nos fenômenos sob análise?
- 10. **Objetivo geral:** Define com precisão o foco do estudo com frases curtas e diretas,

que comunicam claramente o objetivo principal da pesquisa – aquilo que é principal. Cuidado com os verbos! Não use “compreender”, “descrever”, “identificar” ou “elaborar” se conseguir escolher um verbo mais específico. Procure uma frase que declare o objetivo em termos dos principais fenômenos a serem investigados.

- **11. Objetivos específicos:** Os objetivos específicos são eficientes quando delimitam os passos, as etapas e sua sequência no decorrer da investigação. Quantos objetivos? O suficiente para focalizar as etapas do trabalho!
- **12. Quadro teórico:** Conceitos, teorias, hipóteses e preposições. O quadro contextualiza seu objeto no debate teórico atual. A partir de que autor ou qual teoria/conceito você pretende trabalhar? Indique os recursos bibliográficos inicialmente levantados. Não precisa ser exaustivo. Especifique a abrangência do levantamento a ser sistematizado. Cuidado para não se restringir ao argumento de que “pouco existe sobre o tema”. Pesquisadores/as iniciantes necessitam de subsídios bibliográficos, principalmente conceituais para sustentar suas produções científicas iniciais.
- **13. Recursos metodológicos:** Especifique o tipo da pesquisa, os métodos e principais técnicas de coleta e de análise dos dados. Quais as estratégias de coleta de dados? Quais os instrumentos previstos? Como pretende analisar os dados? Quais as categorias de respostas prováveis? Há possibilidade para a emergência de outras categorias?
- **14. Unidade(s) de análise:** Qual a principal fonte das informações? Quais os sujeitos do estudo? Quem? Onde? A unidade de análise pode ser o indivíduo, a turma, a sala de AULA, uma série, uma escola, um município; um trabalhador, um departamento, uma fábrica, um setor econômico. Em que nível você pretende trabalhar? No nível individual ou coletivo? Qual será objeto de investigação a sala de AULA ou os alunos individuais que a frequentam? Será feito comparações de instituições, unidades, pessoas ou grupos? Se precisar, indique mais de uma unidade de análise no seu planejamento.
- **15. Cronograma:** Determine a data final da sua produção e organize um calendário de atividades para realizar sua pesquisa. Cada fase ou etapa deve ser programada em função

do tempo necessário para executar as tarefas indicadas. A coleta de dados pode exigir bastante tempo, mas a análise das informações coletadas e a produção do artigo/monografia é a mais trabalhosa e também demorada. Deixe tempo suficiente para cada atividade. Lembre-se de que muitas tarefas são simultâneas e independem da finalização de outras. O melhor prazo é o tempo que você estabelece para você mesmo/a!

- **16. Referências:** Organize sua bibliografia, referências e citações na formatação correta para evitar a perda de tempo.
- **17. Estrutura e formato de seu trabalho:** Um bom projeto planeja com antecipação o formato final do relatório de pesquisa. Quais os itens e subitens que são essenciais para cada setor ou capítulo? Quais os títulos que você gostaria de adotar para os capítulos ou divisões principais do documento? Qual o conteúdo relevante para sua inclusão em anexo ou como apêndice? Quais as normas de apresentação que você pretende seguir? Como vai ser a formatação final, a capa, a reprodução em papel ou outra mídia?

Fontes: Doxsey, 2004; Goldenberg, 2000; Pádua, 2000.

UNIDADE 22

Objetivos: Estabelecer normas básicas para a produção científica da **ESAB**.

Critérios mínimos para a produção científica nos cursos da **ESAB**

O roteiro abaixo estabelece os parâmetros mínimos para o tipo de produção científica exigido nos cursos de pós-graduação da **ESAB**:

Roteiro para produção de uma monografia

As monografias dos cursos de pós-graduação deverão ser produzidas conforme exigência das versões mais recentes das normas em vigor da **ABNT** e o Regulamento da Monografia da **ESAB**. O Regulamento afirma que *não existe uma divisão única para todo tipo de trabalho. A divisão mais própria e adequada para cada trabalho deve surgir de sua própria natureza, sua maior ou menor complexidade. Sugere-se dividir o assunto no menor número possível de partes e subdividir cada parte no menor número de elementos* (p.11).

A estrutura básica sugerida de uma Monografia pela **ESAB** é:

a) Elementos pré-textuais

São os elementos que antecedem o texto da Monografia. Constam dos seguintes elementos:

- Capa
- Folha de rosto
- Folha de aprovação
- Folha de dedicatória (opcional)
- Folha de agradecimento (opcional)
- Folha de epígrafe (opcional)
- Resumo na língua vernácula
- Lista de Ilustrações (opcional)
- Lista de abreviaturas e siglas (opcional)
- Folha de sumário

b) Elementos textuais

É a parte do texto da Monografia. O texto consta de Introdução, Desenvolvimento e Conclusão. Abaixo são algumas orientações sobre a estrutura de uma Monografia.

Introdução

- Exposição do assunto: descrição do tema tratado com a sua contextualização.
- Problema de pesquisa: descrição do problema de pesquisa (ver orientações dadas para o desenvolvimento do Plano de Trabalho).
- Justificativa para escolha do tema: explicar as razões de ordem teórica e os motivos de ordem prática que levaram o autor do trabalho a estudar tal tema específico e não outro qualquer, ou que tornaram importante a realização do mesmo. Portanto, deve-se mostrar a importância e a relevância do estudo deste tema para a ciência e para o próprio autor do trabalho, com criatividade e capacidade de convencer sobre a importância do mesmo no campo da teoria existente. Deve-se mostrar, também, qual a contribuição que tal estudo pretende proporcionar para o problema abordado.
- Objetivos gerais e específicos: descrição dos objetivos da Monografia (ver orientações dadas para o desenvolvimento do Plano de Trabalho).
- Delimitação do trabalho: citar de modo claro, objetivo e preciso o tema do trabalho, indicando o ponto de vista sob o qual será enfocado no desenvolvimento do mesmo. Na escolha do tema é necessário eleger uma parcela delimitada de um assunto, estabelecendo limites para o desenvolvimento da pesquisa pretendida. Ele deve ser suficientemente limitado para que seja realizável com os recursos disponíveis.
- Metodologia de Pesquisa - deve fornecer detalhamento da pesquisa; esclarecer sobre os caminhos que foram tomados para se chegar aos resultados propostos; como foi selecionada a amostra, o percentual em relação à população estudada; instrumentos de

pesquisa utilizados (questionários, entrevistas, observações diretas, etc.); como os dados foram tratados e analisados.

Fundamentação teórica ou quadro teórico

Parte do trabalho que descreve e discute a literatura existente sobre a temática pesquisada. Com base na leitura levantada mostra o estágio de desenvolvimento do tema na atualidade. Estabelece o referencial teórico que dá suporte ao desenvolvimento do trabalho de pesquisa. Estabelece as ligações entre a bibliografia e a situação problema que se pretende solucionar. Deve-se fazer citações e transcrições. Utilize o material do módulo de Metodologia da Pesquisa Científica da **ESAB** aplicando as normas da **ABNT** - Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Resultados da pesquisa de campo (se for o caso)

Seção do trabalho que descreve a pesquisa empírica. Caso a Monografia envolva o estudo de uma realidade específica (uma organização, uma escola, uma cidade, um programa, pessoas, protótipos de tecnologias, etc.) deve-se, nesta parte, descrever analiticamente os dados levantados, analisando o que foi observado na pesquisa. Pode-se ter o apoio de recursos estatísticos e utilizar tabelas e gráficos baseados na tabulação dos dados. É importante estabelecer relações entre os dados obtidos, o problema da pesquisa e a fundamentação teórica. O item pode ser dividido em subitens, os quais facilitam a apresentação e leitura.

Conclusão ou Considerações Finais

Apresenta, de forma sintetizada, os resultados obtidos com a pesquisa, se os objetivos estabelecido foram atingidos. Deve ressaltar a contribuição da pesquisa para o meio acadêmico ou para o desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia. Apresenta as recomendações e sugestões dos pesquisadores.

c) Elementos pós-textuais

Elementos inseridos após as considerações finais. Incluem as Referências Bibliográficas e os Anexos (elemento opcional).

Referências Bibliográficas

Elemento obrigatório. Consiste em uma lista das obras efetivamente citadas na elaboração do trabalho. Deve ser em ordem alfabética, sem numeração, letra Arial 12, e com o espaçamento simples entre as linhas. Todas as referências devem ser alinhadas à esquerda da página. Nos casos de repetição de autor, este deve ser substituído por um traço sublinhado equivalente a seis caracteres.

As referências devem obedecer as normas para cada fonte de consulta (livros, teses, periódicos, em parte, ou no todo, etc). As informações sobre como relacionar as diversas referências constam da **NBR 6023**.

Elementos essenciais nas referências:

SOBRENOME DO AUTOR, Prenome. **Título**. Edição. Local: Editora, ano.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

Anexos

Os anexos são elementos opcionais de informação e material considerados importantes para a compreensão do trabalho. Inclui a inserção de documentos e materiais interessantes e pertinentes à temática; cópia do questionário, roteiros de entrevistas utilizados para o levantamento dos dados, detalhamento da análise dos dados, tabelas ou listagens grandes demais para o texto, etc.



Atividades

Para dar continuidade aos seus estudos é fundamental que você complete a Atividade número 2, localizada no link “Atividades”.



UNIDADE 23

Objetivos: Introduzir considerações sobre a organização e a escrita do trabalho científico.

Redigindo o trabalho científico

Falar na necessidade de ter de escrever algo é, não raro, tocar em um ponto fraco da maioria das pessoas, quer sejam elas estudantes ou não. A qualidade da escrita está diretamente relacionada à frequência de leitura. Se o pesquisador está bem informado sobre o contexto em que se encontra o problema que buscou responder e se tem claro o referencial que apóia seu estudo, terá menos dificuldades para redigir sua monografia ou artigo.

Você pode estar se perguntando: devo começar a escrever somente depois de coletar os dados ou posso ir escrevendo antes de terminar a coleta? A resposta é muito pessoal, porque, sendo diferentes uns dos outros, os pesquisadores também têm maneiras diferentes de se organizar.

Há aqueles que estabelecem um cronograma para a execução da pesquisa e o seguem rigorosamente, dedicando-se diariamente à escrita de trechos. Outros são totalmente diferentes e parece que depois de longos períodos sem sentar-se diante do computador, acordam cheios de ideias, tendo períodos extremamente produtivos. Não sabemos qual é a maneira com a qual você mais se identifica. De qualquer forma, a elaboração de um trabalho escrito é algo que exige dedicação de tempo, para que os prazos sejam respeitados.

Estruturando tópicos

Embora a coleta e a análise de dados sejam os procedimentos por meio dos quais você vai dar resposta ao problema de sua pesquisa, a monografia não se resume à apresentação dos dados coletados e das conclusões a que o pesquisador chegou.

Uma monografia é também um relatório de pesquisa. Portanto, o pesquisador deve informar tudo o que fez, do momento em que se decidiu pela escolha do problema até as conclusões a que chegou. Sendo assim, a monografia deve ser escrita de forma a deixar claras as seguintes informações:

- O problema que o pesquisador estava buscando responder e o contexto em que ele se encontra;
- As ideias e argumentos que a literatura traz a respeito do problema;
- O método e os procedimentos metodológicos usados na coleta e análise de dados, em que lugar esses dados, ou com quem, as informações foram coletadas;
- Apresentação dos dados obtidos;
- A análise dos dados à luz do referencial;
- Apresentação das conclusões.

Essas são informações que devem constar de um relatório de pesquisa que, no seu caso, é uma monografia. Observe que elas estão dispostas em uma sequência lógica. Em geral, cada um desses tópicos compõe um capítulo da monografia, mas podem ser organizadas de forma diferente.

O ideal é que você a estruture em capítulos e escreva o que será abordado em cada um deles. Veja como fez um estudante de pós-graduação em informática:

Informática

Assistente para integração e organização de interações

Capítulo 1 – Introdução

Este capítulo contextualiza o assunto apresentando um contexto histórico da comunicação, da sua evolução junto à sociedade e de sua aplicação atual nas comunidades virtuais, sobretudo para a aprendizagem cooperativa. Os objetivos do trabalho, a metodologia empregada e a forma como a dissertação está organizada também serão expostos neste tópico.

Capítulo 2 – Aspectos Teóricos da Comunicação e da Aprendizagem

Esta parte apresenta o estado da arte da comunicação e das ferramentas de comunicação mediada por computador (CMC – Computer Mediated Computer), bem como de sua aplicação em ambientes de aprendizagem cooperativa.

Este capítulo será estruturado nos seguinte subtópicos:

Contexto histórico das pesquisas

Apresenta simplificadamente como as pesquisas sobre o assunto surgiram e evoluíram.

Principais teorias atuais

Apresenta o estado da arte com as principais teorias relacionadas ao assunto.

A relação entre comunicação e tecnologia

Estabelece uma relação com as teorias discutidas anteriormente e a forma como a tecnologia foi empregada e realimenta as mudanças no processo de comunicação.

O papel na comunicação na aprendizagem

Relaciona algumas teorias pedagógicas que enfatizam o papel da cooperação no processo ensino-aprendizagem.

Capítulo 3 – Proposta de Ontologia

Esta parte estrutura em uma Ontologia o conteúdo apresentado no capítulo anterior e o conhecimento incorporado pelas reflexões e revisões bibliográficas realizadas durante o desenvolvimento do mestrado.

Esta ontologia pretende consolidar o conhecimento do assunto e sobretudo fornecer base para a classificação das tecnologias e ferramentas e para a concepção da ferramenta proposta neste trabalho. Uma breve apresentação do assunto ontologias será apresentada e, na sequência, a ontologia em si será estruturada nas seguintes partes: questões de competência, mapa conceitual, axiomas e glossário.

Capítulo 4 – Avaliação de Ferramentas de Comunicação

Com base na ontologia anterior, esta parte apresenta um “framework” que permite classificar as tecnologias e as ferramentas de comunicação e de cooperação.

Esta classificação permite mapear o estado de prática e posicionar o cenário em que o ambiente proposto neste trabalho está localizado.

Capítulo 5 – Protótipo

Esta parte apresenta o ambiente proposto, organizado nos seguintes subtópicos:

Visão Funcional: relaciona as funções do ambiente por meio dos Casos de Uso. O projeto de interface ilustra as principais funções do sistema.

Estrutura das Informações: apresenta o diagrama das classes de negócio do ambiente.

Arquitetura: apresenta a forma como o projeto do sistema está estruturado, por exemplo, quais as camadas e quais os recursos de integração que estão presentes no projeto arquitetônico do ambiente.

Outras Características: trata qualquer outra peculiaridade do projeto do ambiente que seja interessante no contexto da pesquisa.

Capítulo 6 – Perspectivas Futuras: traça os rumos que a pesquisa e o ambiente podem seguir conforme as tendências do estado da arte e do estado de prática

Capítulo 7 – Conclusões: conclui o trabalho estabelecendo as relações entre os aspectos teóricos e a avaliação da ferramenta. Os questionamentos e os resultados são discutidos.

Observando esses exemplos, você pode concluir que é possível, sim, adiantar a redação de parte da monografia, mesmo antes de iniciar a coleta de dados. Na maioria das vezes, você aproveita as informações apresentadas no seu projeto, incluindo-as na monografia.

Por exemplo: no projeto, você já delimitou o problema, já o situou em um contexto, já disse por que pretende estudá-lo. Todas essas informações são relevantes para a monografia. Sendo assim, você pode e deve aproveitá-las.

Se você elabora um esquema como esse que acabou de ver, fica mais fácil escrever, porque sabe o que deverá incluir em cada capítulo ou setor do trabalho.

Para que seus leitores tenham uma ideia mais clara sobre o que vão ler, é importante que, na introdução da sua monografia, você apresente um parágrafo para cada capítulo, resumindo o que será abordado.



Estudo Complementar

Para ter uma ideia de como fazer isso, acesse o link <http://www.geteq.ufsc.br/dissertacoes/DGilberto.pdf>, que disponibiliza a dissertação “Integração vertical e terceirização: uma abordagem crítica focada nas questões estratégicas para a competitividade da manufatura”. No item 1.3, o autor apresenta a estrutura de sua dissertação.



Também com o intuito de situar o leitor, ao iniciar cada capítulo da sua monografia, reserve o primeiro parágrafo para informar o que ele irá encontrar naquele capítulo.

Os títulos dos capítulos farão parte do sumário da monografia, geralmente organizado após o término da redação. A seguir, estão dois exemplos de sumários. O primeiro é um estudo realizado por um aluno de pós-graduação em Ciências Contábeis, enquanto o segundo, foi desenvolvido por uma aluna de pós-graduação em Educação.

Ciências Contábeis

Uma alternativa de balanço social no Grupo Águia Branca

- 1 Introdução
- 2 Revisão da literatura
 - 2.1 Dimensão externa da responsabilidade social
 - 2.1.1 Comunidades locais
 - 2.1.2 Parceiros comerciais, fornecedores e consumidores
 - 2.2 Dimensão interna da responsabilidade social
 - 2.2.1 Gestão dos recursos humanos
 - 2.2.2 Saúde e segurança no trabalho
 - 2.2.3 Gestão do impacto ambiental e dos recursos naturais
 - 2.3 Áreas de atuação da responsabilidade social
 - 2.4 Por que as empresas devem ter responsabilidade social?
 - 2.5 O balanço social
 - 2.5.1 Origens das ideias
 - 2.5.2 Evolução no Brasil
 - 2.5.3 Os beneficiários
 - 2.5.4 Balanço social x sociedade
 - 2.5.5 A transparência

- 2.5.6 Importância da metodologia
- 3 O Grupo Águia Branca
- 3.1 Tempos pioneiros
- 3.2 Águia Branca: um negócio de família
- 3.3 A diversificação do negócio
- 3.4 As unidades de negócio
- 4 Águia Branca: responsabilidade social x balanço social
- 5 Elaborando a estratégia do balanço social
- 5.1 Escolha da metodologia para a construção do modelo
- 5.2 Probabilidades sugestivas e sua importância no processo decisório
- 6 Alternativa de proposta do balanço social
- 7 Um modelo probabilístico para o Grupo Águia Branca
- 8 Conclusões e sugestões

Educação

Grupos acadêmicos: um mergulho em águas turbulentas

- 1. Introdução
- 2. Percurso metodológico
- 2.1 Caracterizando os grupos
- 3. O ser humano em interação/comunicação
- 3.1 Recorrendo a autores que dissertam sobre o tema
- 3.2 Algumas considerações acerca da abordagem humanista-existencial
- 3.3 Um olhar humanístico sobre o homem e sobre a educação
- 3.4 Situando a comunicação num contexto mais amplo: sua importância para a educação
- 3.5 Alguns conceitos importantes
- 3.6 Interação e atitudes pessoais
- 4. Processos grupais: um mergulho em águas turbulentas
- 4.1 Processos no fluir dos grupos
- 4.2 Correntes, movimentos/forças avassaladoras
- 4.3 Os vórtices: redemoinhos de desencontro
- 4.4 Mergulhando novamente: revendo dimensões
- 4.5 Algumas aprendizagens
- 5 Considerações finais

UNIDADE 24

Objetivos: Discutir as normas e características das citações e referências do material consultado na produção científica.

Dialogando com outros autores: o uso da citação

Alguns capítulos da sua monografia serão redigidos com base apenas no seu conhecimento. É o caso, por exemplo, da introdução, em que você apresenta o problema que pretende responder, o contexto em que ele se insere, o porquê de você ter feito a escolha por ele.

No entanto, em outros capítulos você terá de inserir em seu texto ideias defendidas por outras pessoas. Isso acontece, por exemplo, no momento em que procede à revisão da literatura, ou seja, quando você vai expor o que um grupo de autores já disse a respeito do assunto que você está estudando. É, portanto, a hora em que você começa a citar os autores, apropriando-se do discurso deles em favor da argumentação que pretende desenvolver.

A respeito disso, Richardson chega a falar em manipulação das citações, o que segundo ele, se faz com diferentes objetivos:

Em certos casos, elas servem para apoiar afirmativas deduzidas dos resultados da investigação. Aí, longe de duvidar ou não, se atribuisse valor ao que se está disposto a afirmar, procura-se corroborar, seja o que for dito, seja o que já disseram outros. Noutras ocasiões, se faz referência a certa bibliografia ou a determinadas citações em particular com o fito de refutá-las. (...) Em certas ocasiões, no bojo de um relatório de pesquisa, vale a pena retomar discussões sobre um ponto controvertido. Esse é o momento em que se pode e, até mesmo se deve, apelar para citações que se contradizem (RICHARDSON, 1999, p. 301).

Uma citação pode ser de dois tipos:

- **Indireta:** quando, com suas palavras, você mostra uma interpretação do que disse determinado autor;
- **Direta:** quando a ideia de um autor é apresentada exatamente como está na obra consultada, como a citação que você acabou de ler.

O discurso alheio é importante para a elaboração de um trabalho científico, mas há dois pontos a serem destacados. O primeiro deles diz respeito ao excesso de citações. Como diz o ditado, tudo que é demais sobra. É comum a existência de monografias em que, ao longo de todo o texto, os autores intercalam trechos pequenos de sua autoria com longas citações.

O que se tem, nesse caso, é um verdadeiro festival de “fulano disse isto, beltrano disse aquilo” e o que o pesquisador quer dizer ninguém sabe, porque ele simplesmente não escreve. É importante que você compreenda que a argumentação é construída por você, pesquisador, autor do trabalho.

A inserção de trechos escritos por outros autores deve acontecer no momento apropriado, conforme vimos na orientação de Richardson. Dê preferência ao uso da citação indireta, ou seja, aquela em que você faz uma interpretação das idéias do autor.

Aqui, é preciso fazer outra observação: da mesma forma que não deve abusar das citações diretas, o autor de um trabalho científico também não deve apenas substituir alguns verbos e dizer que fez uma interpretação das idéias. Isso caracteriza plágio e você deve lembrar que plágio é crime!

Quanto à forma de apresentar as citações, enquanto a indireta vem no meio do texto, pois é apresentada pelo autor da monografia, a direta pode ou não vir, dependendo da extensão do trecho a ser citado: se tiver menos de três linhas, pode ser colocado no meio do texto, entre

aspas ou em itálico. Se for maior, é apresentada em parágrafo separado, com recuo esquerdo de 4 centímetros, espaçamento de linhas simples e fonte tamanho 10.

Além disso, se o trecho começa a ser citado a partir de qualquer ponto da frase que não do seu início, inicia-se a citação com (...), indicando que parte da frase ficou para trás. Quando o pesquisador finaliza a citação no meio de uma frase deve usar o mesmo recurso.

Não importa se a citação é direta ou indireta, o pesquisador deve, sempre, indicar onde ela pode ser encontrada. No caso da citação indireta, basta indicar, entre parênteses, o sobrenome do autor e o ano em que a obra foi publicada.

Exemplo: (RICHARDSON, 1999)

No caso de citação direta, ao final do trecho, acrescenta-se o número da página em que se encontra o texto citado.

Exemplo: (RICHARDSON, 1999, p. 22)

Todos os autores citados ao longo da monografia devem ser incluídos na seção “Referências”. (Veja adiante como apresentar as referências do material consultado.)

UNIDADE 25

Objetivos: Introduzir a caracterização do material que pode ser consultado e seus formatos de citação.

Que tipo de material consultar?

Se o pesquisador utiliza teorias e conceitos para estudar fenômenos, a leitura é um hábito que deve ser cultivado. E, não é apenas nos livros que você poderá conhecer o que outros pesquisadores e autores disseram a respeito do fenômeno que você pretende estudar.

Além dos livros, há ainda jornais e revistas que podem apresentar material interessante sobre o seu problema de pesquisa. A Internet também tem sido uma fonte importante para os pesquisadores, reunindo uma quantidade considerável de informações. É preciso ressaltar, no entanto, que, pela liberdade que oferece para publicar conteúdos, a Web exige que o pesquisador seja criterioso em suas pesquisas.

Uma das vantagens trazidas pela Internet é a possibilidade de se discutir virtualmente determinados temas. Provedores como Google, Yahoo e Hotmail permitem aos usuários criar listas ou grupos de discussão. Nesses fóruns, “no ciberespaço”, organizados por temas e áreas, você pode encontrar pessoas, pesquisadores experientes, inclusive, discutindo sobre o fenômeno que pretende abordar na sua monografia. Sendo assim, esses grupos podem ser fontes de informação para sua pesquisa.

Por último, até mesmo informações e conceitos apresentados em CD-ROM, AULAS, palestras, encontros científicos e obras audiovisuais (filmes, vídeos, DVDs) podem ser usados na sua monografia, desde que devidamente citados.

Como apresentar as referências

a) Livros

De acordo com a **ABNT**, as referências variam conforme o tipo de documento. No caso de livros, por exemplo, além de nome e sobrenome do autor e nome da obra, é preciso informar o local, o número e o ano de edição e também o nome da editora.

PHILLIPS, B.S. Pesquisa social: estratégias e táticas. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

b) Jornais

No caso de usar material coletado de jornais, a maneira de referenciar muda. O que vem em negrito não é o título da reportagem, mas o nome do jornal.

BAPTISTA, J. Mais de 8 mil motoristas aguardam decisão sobre recursos de multas. **A Gazeta**, Vitória, p. 4, 14 mai. 2005.

c) Revistas

Para referenciar material coletado de revistas, outras informações são necessárias, como o ano, o volume e o número do exemplar consultado.

FORNAZIER, A. Navios maiores no Porto de Vitória. **Pedras do Brasil**, Vitória, ano 4, v. 1, n. 35, p. 48-49.

d) E-mail

Se você está fazendo citação com base em mensagens recebidas por e-mail, deverá incluir na referência os seguintes dados:

FASSARELA, R. C. **O amor** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <jojoderiz@yahoo.com.br> em 17 mar. 2004.

e) Eventos científicos

Se você participou de um congresso, fórum, seminário ou simpósio e gostaria de citar algo que foi dito durante uma sessão de apresentação de trabalhos, a referência sobre esse material deve incluir o nome do evento, a edição, o ano e a cidade em que foi realizado, além do título do evento:

Segenreich, Stella C. D. **Avaliando a aprendizagem colaborativa “on-line” na educação superior:** novas contribuições do Fórum de Discussão e da Auto-avaliação do Aluno. Trabalho apresentado durante o ENCONTRO VIRTUAL EDUCA BRASIL DE ESPECIALISTAS EM NOVAS TECNOLOGIAS, EAD E FORMAÇÃO CONTINUADA, São José dos Campos, 2005.

f) Informações verbais

Se você obteve uma informação importante para o seu trabalho durante um evento (congresso, fórum, palestra, aula) e se essa informação não foi apresentada/publicada como trabalho científico ou nos anais do evento, sendo apenas parte de uma conversa, uma discussão, não há formato para apresentar as referencias desse material. Nesse caso, você pode informar em nota de rodapé quem deu a informação (se não tiver feito isso no texto),

onde (tipo e nome do evento, cidade em que foi realizado) e quando. Veja a seguir dois exemplos.

Discussão realizada durante o II Fórum Estadual de Meio Ambiente, realizado em Vitória-ES, em 5 de junho de 2004.

Conceito apresentado pelo prof. Jaime Roy Doxsey, em UNIDADE 2 da disciplina Antropologia Cultural para alunos de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, em 14 de outubro de 2004.

g) Materiais Disponíveis na Internet

As referências devem obedecer aos padrões indicados para materiais impressos. Entretanto, nas obras consultadas *on-line*, também são essenciais as informações sobre o endereço eletrônico, apresentado entre os sinais <>, precedido da expressão Disponível em: e a data de acesso ao documento, precedida da expressão Acesso em:, opcionalmente acrescida dos dados referentes a hora, minutos e segundos. **NOTA – Não se recomenda referenciar material eletrônico de curta duração nas redes.**



Estudo Complementar

Para ver um exemplo de livros disponíveis através da INTERNET, veja ALVES, C. **Navio negreiro.** [S.I.]: Virtual Books, 2000. Disponível em:
http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/Navio_Negreiro.htm. Acesso em 18 nov. 2010.



UNIDADE 26

Objetivos: Alertar o aprendiz às necessidades de lidar com questões da linguagem e da estética do trabalho científico escrito.

Linguagem a ser utilizada

Quanto à linguagem, embora o discurso científico tenha suas próprias características, cada pesquisador tem seu estilo de escrever.



Assim, dependendo da área de conhecimento em que esteja inserido o estudo, os pesquisadores têm usado das mais diversas estratégias para ‘contar’ o que, por que e como estudaram e a que conclusões chegaram com seu estudo.

Nas Ciências Humanas, alguns pesquisadores têm feito a opção por escrever seus relatórios usando o estilo literário, o que não acontece nas Ciências Exatas, em que é comum o desenvolvimento de estudos abordando a construção de ferramentas e produtos ou de métodos para elaboração de determinada atividade.

Alguns professores preferem que seus orientandos elaborem a monografia escrevendo sempre na primeira pessoa do plural (“nós decidimos...”; “nossa conclusão foi que...”) e não na primeira do singular (“eu decidi...”, “minha conclusão foi que...”). Eles entendem que isso representa um afastamento entre pesquisador e objeto de pesquisa, que, segundo os princípios da Ciência Moderna, é fundamental para a validade das pesquisas.

Outros orientadores recomendam que o pesquisador utilize sempre o discurso na voz passiva, no qual os verbos são sempre acompanhados da partícula apassivadora se (“nesta pesquisa, entende-se que...”; “Assim, conclui-se que...”).

Outros não se importam que o autor da monografia se coloque no texto, quer pela utilização do discurso na primeira pessoa do singular (“eu entendo que...”; “eu concluo que...”), entendendo que isso não descredibiliza o teor de uma pesquisa científica.

Preferências à parte, um ponto não pode ser esquecido: ao escrever, procure ser coeso e coerente, características que o levarão a construir uma boa argumentação. Outra coisa: não passe por cima das regras da língua portuguesa. Se você concluir que não tem conhecimento suficiente sobre isso, peça a alguém para revisar seu texto, o que deve ser feito quando sua monografia já tiver sido totalmente concluída.

Estética da monografia

Assim que começar a escrever a monografia, configure logo o arquivo, definindo as margens, a fonte e o tamanho que irá utilizar tanto no corpo do texto quanto nos títulos.

As normas recomendadas pela equipe da ESAB é que você utilize a seguinte configuração:

- **Tamanho do papel:** A4 (21,0 X 29,7 cm).
- **Margens:** 3 cm para superior e esquerda e 2 cm para inferior e direita.
- **Espaçamento: Texto normal:** recomendamos usar entrelinhas com espaço um e meio; **Resumos**, notas de rodapé, notas explicativas e nas referências: espaço simples; **Transições longas** (citações diretas com mais de três linhas): espaço simples e recuo de 4 cm a partir da margem esquerda; **Parágrafos:** 2 “enter” e sem recuo. **Títulos das seções:** separadas do texto por 2 “enter”, sendo 3 “enter” o espaço do texto para o título seguinte.
- **Tipo e tamanho das fontes:**
 - Texto normal: Arial 12;
 - Título de capítulos e subdivisões no texto: Arial 14;
 - Transições longas (citações diretas com mais de 3 linhas): Arial 10;

- Legendas das ilustrações e tabelas e indicações de folhas: Arial 10;
- **Paginação:** Todas as folhas do trabalho, a partir da folha de rosto, devem ser contadas sequencialmente, mas não numeradas. A numeração é evidenciada a partir da primeira folha da parte textual (introdução), em algarismos arábicos, no canto superior direito da folha. Também são numeradas as folhas dos apêndices e anexos, sequencialmente ao texto.
- **Numeração Progressiva dos Capítulos e Divisões:** Nas várias seções do texto deve-se usar a numeração progressiva com a finalidade de evidenciar a sistematização do conteúdo do trabalho, hierarquizando-o. Tanto no sumário como no desenvolvimento do texto, os títulos das seções são grafados de forma diferenciada, destacando-os gradativamente, conforme segue:
 - Título de 1º nível (capítulo): em letras maiúsculas e em negrito;
 - Título de 2º nível: em letras maiúsculas, sem negrito;
 - Título de 3º nível: em letras minúsculas e a inicial da primeira palavra em maiúscula, em negrito;
 - Título de 4º nível: em letras minúsculas e a inicial da primeira palavra em maiúscula, sem negrito.

A numeração indicativa será de acordo com o nível da seção e precede o título, alinhado à margem esquerda, separada por um espaço de caractere, conforme o exemplo:

3	METODOLOGIA DE PESQUISA
3.1	COLETA DE DADOS
3.2.1	Tratamento dos dados
3.2.1.1	Análise discriminante

Atenção!

- A fonte dos títulos é tamanho 12 ou 14 quando aparecem no Sumário e tamanho 14 quando aparecem no desenvolvimento do texto;
- No desenvolvimento do texto, os títulos da cada capítulo (1º nível) devem iniciar-se em folha distinta, uma vez que se referem às principais divisões de um texto.



Dica

Se você está usando o processador de textos Microsoft Word, a ferramenta ‘Estilos’ será de grande importância para você obter um resultado estético uniforme no texto da sua monografia. Essa ferramenta pode ser acessada a partir do menu ‘Formatar’. No tópico ‘Ajuda’, você encontra todas as informações sobre como utilizá-la.

Lembre-se, a formatação do trabalho é da responsabilidade do autor – você! Não espere terminar o texto para seguir os padrões científicos da formatação. Organize o seu texto corretamente desde os primeiros minutos da sua produção.



UNIDADE 27

Objetivos: Apresentar conceitos da conduta acadêmica ética e sua importância para educação a distância e a produção científica da ESAB

A integridade acadêmica na produção científica

Este módulo não estaria completo sem uma reflexão sobre a conduta acadêmica ética e sem explorar as nossas responsabilidades mútuas na construção de uma educação a distância com integridade acadêmica.

À medida que a educação e a pós-graduação a distância crescem no ensino superior brasileiro, instituições públicas e particulares buscam defender a educação presencial, já que são comuns questionamentos sobre a qualidade dos cursos sendo oferecidos a distância, a viabilidade de uma aprendizagem academicamente responsável entre outras críticas dirigidas ao sistema de avaliação on-line. O ônus de “provar” e “defender” cursos de **EAD**, infelizmente, forma parte do cenário moderno e constitui um desafio para o ensino a distância.

Ao mesmo tempo, a educação presencial em todos os níveis sofre uma crise de credibilidade quanto à sua relevância e eficácia. Poucas instituições enfrentam diretamente a polêmica sobre a falta de ética dos alunos e professores na produção científica, nas provas e tarefas acadêmicas utilizadas na avaliação da aprendizagem. Em algumas instituições não são mais aceitáveis os trabalhos escritos fora da sala de aula devido ao mercado de pesquisas bibliográficas, monografias e plágio descarado sendo praticado.

A reprodução de textos originais sem autorização dos autores ou a omissão do autor infringe a Lei 9.610/98, a debatida Lei sobre Direitos Autorais (Veja a Lei no site do Ministério da Ciência e Tecnologia, disponível em <<http://www.mct.gov.br>>).

A equipe **ESAB** está comprometida em promover a integridade acadêmica em todas as ações educacionais de seus cursos. O material e links oferecidos “on-line” são constituídos por conteúdos de autoria de nossos professores e consultores, sempre buscando respeitar as citações bibliográficas e os direitos autorais de terceiros.

Temos responsabilidades mútuas para identificar, prevenir e corrigir os possíveis erros detectados no sistema do “CAMPUS ON-LINE” e do material didático, atualmente em uso. A reflexão que fazemos aqui envolve diretamente todos/todas os/as participantes de uma modalidade de ensino-aprendizagem que utiliza novas tecnologias, facilitando o fluxo de conteúdos, de ideias e de uma produção acadêmica cuja apropriação deve observar as normas de propriedade e autoria intelectual.

As questões éticas também são importantes facetas de qualquer produção ou investigação científica, mais ainda quando se trata de pesquisa com seres humanos. Pensar a ética “on-line” e em pesquisa implica ter uma preocupação tanto com o uso do conhecimento produzido quanto com o respeito pelos sujeitos sob investigação.

Qual a pertinência desse debate para a educação “on-line” e para a pesquisa educacional? Em primeiro lugar, ele é importante porque afeta cada nível de ensino, cada sala de aula e cada projeto de monografia ou outra produção científica.

Qual ética deve prevalecer no ensino a distância, na condução da pesquisa com seres humanos e na produção acadêmica? Como podemos promover maior entendimento sobre certas normas que devem ser observadas nas práticas de produção de módulos, textos, nos levantamentos bibliográficos e nos trabalhos de monografia?

Conduitas indesejáveis na produção do conhecimento

Pensamos que uma forma de prevenir atos antiéticos é clarificar nossos valores e pressupostos sobre condutas (in)desejáveis na produção do conhecimento. Quatro condutas indesejáveis na pesquisa e na produção acadêmica são: o plágio, a fraude, a colaboração imprópria e fabricação de informações.

Plágio



É considerado **plágio**:

- 1) qualquer ato ou tentativa de utilização, obtenção, cessão ou transmissão de informações, opiniões ou dados, pelo próprio, por intermediário de, ou com a cumplicidade de outrem, através de livros, “colas” e outras fontes, realizada por meios escritos, orais ou gestuais antes e durante a realização de provas de avaliação;
- 2) qualquer ato ou tentativa de usar o trabalho intelectual, ideias, representações conceituais ou materiais de outro (fotografias, imagens, vídeos, gráficos, programas ou páginas de computação) como se fosse produção própria.

*Os tutores e orientadores acadêmicos da equipe **ESAB** vem confrontando alunos que insistem em condutas consideradas como plágio de material escrito. Como mencionado anteriormente no módulo, alunos que apresentam trabalhos comprados no mercado de venda de monografias ou incluem trechos de texto que não são de sua autoria podem perder seu curso. Não vale a pena correr riscos na montagem de uma produção acadêmica plagiada ou adquirida de terceiros.*

Fraude

Considera-se como sendo **fraude** ou falsificação deliberada de dados qualquer distorção de informações, conteúdos ou resultados. A falsificação de documentos, de datas ou de imagens, bem como a entrada sem autorização em computadores e/ou redes para alterar qualquer tipo de informação também pode ser fraude.

Colaboração imprópria

A **colaboração imprópria** consiste na utilização de terceiros, sem a devida menção de sua participação ou possível contribuição no desenvolvimento, organização ou revisão de um trabalho, projeto, proposta, apresentação oral, escrita, ou numa pesquisa de campo. Qualquer apoio recebido, mesmo não remunerado, deve constar na pagina dos créditos.

De uma maneira mais geral, pode ser considerada **desonestidade acadêmica** a apresentação de trabalhos, próprios ou não, com ou sem alterações, como requisito para obtenção de crédito em uma disciplina ou curso, em mais de uma circunstância acadêmica. Este problema é de difícil verificação e depende muito da integridade dos aprendizes, principalmente a distância.

O ato de pesquisar requer ir além do que já se sabe, do que já foi escrito ou produzido por outro. A qualidade da aprendizagem usando os módulos, nos cursos da **ESAB** e em qualquer produção de conhecimento, depende da compreensão de todos de que o levantamento de fontes e dados não é um ato de mera **reprodução**, nem de resumo ou fabricação de textos ou montagem de colagens dos pensamentos dos outros.

A tentativa de atribuir à **Internet** a responsabilidade de condutas acadêmicas indevidas e/ou às facilidades modernas da informática não resolve o problema. A nossa postura como educador e/ou pesquisador ético nos envolve necessariamente no reconhecimento da importância de trabalhos preventivos e num diálogo sobre as aprendizagens desejáveis.

Fabricação

A fabricação é uma conduta parecida com fraude. É qualquer ato de inventar dados ou resultados, o registro de dados falsos e sua eventual reportagem como fato ou resultado. A fabricação de dados é um dos mais frequentes problemas atualmente enfrentado pelas autoridades norte-americanas responsáveis pela promoção da integridade de pesquisa. O

relatório anual do ORT, *Department of Health and Human Services*, Washington, DC - **Office of Research Integrity Annual Report 2006** – cita fabricação e falsificação dos dados como alegação mais comum nos casos de investigação processos em 2006.



Estudo Complementar

Para maiores informações sobre plágio e a compra de produtos acadêmicos em todos os níveis educacionais, veja as páginas e links de Augusto C. B: <<http://www.microbiologia.vet.br/Plagio.htm>>. Ou digite a palavra-chave “plágio” em qualquer site de busca da **WEB**.

Para uma leitura mais detalhado, veja a definição do plágio no Wikipédia. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pl%C3%A1gio#Softwares_de_detec.C3.A7.C3.A3o_de_pl.C3.A1gio>. Acesso em 18 nov 2010. A página refere aos softwares para detecção de plágio:

Softwares de detecção de plágio

[editar]On-line
JPlag Universidade
MOSS Universidade
Plagium
PlagiarismDetection.org
[editar]Pessoal
AC Universidade
Plaggie Universidade
Sherlock Universidade
SID Universidade
SIM Universidade
YAP Universidade

Para mais informações sobre **Office of Research Integrity** - ORT, *Department of Health and Human Services*, Washington, DC, consulte <<http://ori.dhhs.gov>>.



UNIDADE 28

Objetivos: Examinar responsabilidades, direitos com respeito a ética “on-line”.

Responsabilidades e direitos dos professores-tutores e dos alunos on-line

Existe uma necessidade crescente que instituições educacionais de todos os níveis examinem melhor a atual conduta de seus/suas professores/as e alunos/as com relação às práticas e políticas pedagógicas. Certamente, há uma falta de diálogo na comunidade científica sobre o suposto aumento de fraude e conduta antiética nas diferentes instituições de ensino superior, públicas ou não.

Para muitos/as educadores/as a responsabilidade principal da proliferação de material plagiado é da Internet. Com efeito, o acesso livre aos documentos e à informação eletrônica em geral cria as condições para uma apropriação indevida do conhecimento, que é apresentado frequentemente como sendo de autoria própria. No entanto, precisamos nos perguntar até que ponto certas atividades não contribuem ao uso indiscriminado de material da Internet, à duplicação de textos sem citação correta de fontes e a outras práticas de plágio.

Além das responsabilidades ‘normais’ do professor do ensino superior, o professor tutor da **ESAB** tem uma responsabilidade especial em auxiliar os aprendizes e o corpo acadêmico como um todo, para zelar pela conduta ética do ensino a distância. Isso abrange todas as fases e as interações entre os atores participando no sistema “CAMPUS ON-LINE”.

O(a) aluno(a) aprendiz compartilha com seus tutores essa responsabilidade. Sua conduta ética valida os conceitos da aprendizagem “on-line”, garantindo, assim a integridade acadêmica da proposta da **EAD da ESAB**.

A utilização ética do sistema “CAMPUS ON-LINE” e do material didático recebido pelos co-aprendizes é primordial. Seu acesso e apropriação são restritos aos alunos matriculados e aos tutores contratados pela **ESAB**.

Apresentação de material didático por professores autores; preparação de artigos, links ou sites; comentários assinados pelos participantes do sistema ou monografias de final de curso devem seguir os padrões para produção acadêmica e a legislação sobre direitos autorais em vigor.

Todos nós temos direitos relacionados às questões éticas levantadas aqui. Temos o direito de investir o nosso tempo e os nossos recursos intelectuais num sistema de aprendizagem de qualidade.

Temos o direito de participar coletivamente num empreendimento de **EAD** que esteja construindo oportunidades democráticas para um acesso mais aberto possível de uma educação continuada. Os nossos direitos serão protegidos à medida que a nossa comunidade acadêmica cuidar preventivamente da integridade e conduta ética da nossa produção do conhecimento.



Fórum

Reflexão coletiva: prevenção de conduta antiética

Tente diagnosticar os POSSÍVEIS problemas que possam ocorrer nos cursos da **ESAB**. Que estratégias de prevenção de condutas consideradas antiéticas podem ser exploradas?

O que você ou a equipe da **ESAB** deve fazer quando descobre que o material acadêmico produzido não é fruto do esforço dos próprios alunos?

O que ou quem pode ser responsabilizado pelos problemas existentes nesse âmbito? O que precisa ser feito? Como isso pode ser mais bem trabalhado no seu módulo, no curso, na **ESAB** e na sociedade em geral?

Registre suas conclusões no FÓRUM e leia a opinião dos outros participantes.



UNIDADE 29

Objetivos: Buscar estabelecer um compromisso coletivo com a ética on-line.

Desenvolvimento do compromisso da ética online nas atividades da ESAB

Alguns pressupostos básicos sobre a importância da integridade acadêmica e conduta ética científica no ensino superior à distância são apresentados no quadro a seguir. Uma educação superior de pós-graduação a distância de qualidade respeita os padrões de excelência que se estabelece e mantém nos cursos, nas disciplinas/módulos e nas atividades cotidianas de todos os autores da instituição.

Quadro 6. Pressupostos básicos sobre um ensino superior ético e de qualidade

- O compromisso com suas atividades afins – **ensino, pesquisa e extensão** – é revelado pela participação efetiva de seus docentes e discentes nessas atividades, de acordo com as suas possibilidades.
- A qualidade do ensino superior a distância reflete-se nos processos de produção do conhecimento, os quais envolvem um senso crítico e ético na científicidade e valorização desse conhecimento.
- A sala de aula virtual, bem como as atividades/tarefas de ensino-aprendizagem exigem padrões de excelência e relações interativas on-line caracterizadas pela integridade acadêmica.
- A conduta ética do/a professor/a tutor em suas relações pedagógicas e acadêmicas constitui uma parte essencial de uma educação superior a distância de qualidade.
- A conduta ética do/a aluno/a-aprendiz como coaprendiz ativo/a na construção;

produção do conhecimento é essencial para garantir a qualidade educacional a distância.

- A integridade acadêmica é definida por condutas, atitudes e práticas éticas reconhecidas e respeitadas pelo conjunto da comunidade acadêmica.



Estudo Complementar

Para você continuar aprofundando sobre o tema desta unidade, sugerimos as seguintes referências:

CATÃO, Francisco. **A pedagogia ética**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

DINES, Alberto. *A moda da ética e a ética sem dor*. In: **Folha de São Paulo**. 2 de agosto, 1997, p. 9.

Doxsey, Jaime Roy. *A educação enquanto intervenção humana: reflexões sobre a prática ética*. Trabalho apresentado no Seminário Regional de América Latina, Instituto para Desenvolvimento e Educação de Adultos - IDEA, Port-de-Prince, Haiti, 3 a 12 de setembro de 1997. (Disponível on-line)

FLORES, M. A ética e a vida humana. **Ciência & Ética. Jornal do Federal - Informativo do Conselho Federal de Psicologia**. Ano XII (nº. 48) julho, 1997, p. 6.





Fórum

Uma reflexão individual sobre integridade acadêmica

O que você pensa sobre esses pontos? Como você percebe a qualidade do trabalho acadêmico sendo desenvolvida na ESAB? A nossa comunidade acadêmica virtual precisa discutir sobre a integridade acadêmica e as relações pedagógicas do curso? Como fazer isso?

Registre sua opinião e/ou uma sugestão de reflexão sobre este tema no FÓRUM.



Atividades

Para dar continuidade aos seus estudos é fundamental que você complete a Atividade número 3, localizada no link “Atividades”.



UNIDADE 30

Objetivos: Concluir o módulo através de uma reflexão sobre as aprendizagens e confiança do aprendiz para continuar aprendendo sobre a metodologia da pesquisa científica.

Conclusão

Na verdade, aprendizagem sobre metodologia de pesquisa nunca termina ao final de um livro-texto, manual ou módulo sobre o assunto. Em primeiro lugar, porque a pesquisa científica é, além de uma leitura teórica, é uma experiência prática. Em segundo lugar, as complexidades e especificidades da pesquisa científica são impossíveis de sintetizar ou modular em receitas ou fórmulas.

Convidamos você, leitor/a, a continuar aprendendo sobre a metodologia através da sua própria produção científica. Vimos como as abordagens metodológicas são formuladas de acordo com o foco que damos à construção de uma proposta de pesquisa e que a construção de um quadro teórico inicial deve focalizar problemas específicos. Apropriamo-nos de um referencial metodológico à medida que entendemos o grande elenco de alternativos de técnicas e métodos de pesquisa. Mas, enfatizamos em nossas reflexões a necessidade de desenvolver a observação, a crítica e a curiosidade científica nessa busca de ser pesquisador/a.

Obrigado pela oportunidade de ter iniciado esse diálogo conosco.





Para sua reflexão

Depois de ter (re)estudado metodologia científica, métodos e técnicas de pesquisa, responda às perguntas abaixo, pensando nesse módulo e em você como pesquisador(a) ao completar o módulo. As respostas e as suas reflexões formam parte de sua aprendizagem e são individuais, não precisando ser comunicados à ESAB ou ao tutor.

1. Nesse momento não estou me sentindo muito preparado para executar uma pesquisa científica.

[] Concordo muito [] Concorde [] Nem concordo ou discordo [] Discordo [] Discordo muito

2. A experiência com o módulo Metodologia da Pesquisa científica foi positiva.

[] Concordo muito [] Concorde [] Nem concordo ou discordo [] Discordo [] Discordo muito

3. O conteúdo de metodologia de pesquisa me interessou muito.

[] Concordo muito [] Concorde [] Nem concordo ou discordo [] Discordo [] Discordo muito

4. Me sinto preparado(a) para ser um(a) aprendiz autônomo(a) num curso a distância.

[] Concordo muito [] Concorde [] Nem concordo ou discordo [] Discordo [] Discordo muito

5. Aprender a fazer pesquisa é muito importante para o meu desenvolvimento profissional.

[] Concordo muito [] Concorde [] Nem concordo ou discordo [] Discordo [] Discordo muito

6. Gostaria de continuar estudando sobre o tema pesquisa científica.

[] Concordo muito [] Concorde [] Nem concordo ou discordo [] Discordo [] Discordo muito



GLOSSÁRIO

Caso haja dúvidas sobre algum termo ou sigla utilizada, consulte o link Glossário em sua sala de aula, no site da ESAB.

BIBLIOGRAFIA

Caso haja dúvidas sobre algum termo ou sigla utilizada, consulte o link Bibliografia em sua sala de aula, no site da ESAB.